



Redes CLDS^{4G}

*Reativar e empoderar
dinâmicas e
espaços sociais*

FERNANDA ARAUJO CURI

PORTO, OUTUBRO 2023

Redes CLDS^{4G}

Redes CLDS^{4G}

*Reativar e empoderar
dinâmicas e
espaços sociais*

FERNANDA ARAUJO CURI

PORTO, OUTUBRO 2023

ÍNDICE

6	CONTEXTO
	Projeto Redes CLDS ^{4G}
12	Metodologia do processo de avaliação
18	Cronologia do projeto Redes
36	Características evidenciadas no projeto
44	QUALIDADES
	Alcance, articulação, impacto
52	APRECIÇÃO
	Forças, fraquezas, oportunidades, ameaças
62	Conclusões e recomendações
68	ANEXO
	Resumo das atividades

CONTEXTO

PROJETO REDES CLDS^{4G}

1 O Programa CLDS (Contrato Local de Desenvolvimento Social) constitui-se como um instrumento de combate à exclusão social, fortemente marcado por uma intervenção de proximidade realizada em parceria garantindo, em simultâneo, a valorização do papel das Câmaras Municipais nesta intervenção dadas as suas especiais responsabilidades ao nível concelho, nomeadamente em matérias de planeamento, bem como a sua particular capacidade para congregar os agentes e os recursos locais. A Câmara Municipal do Porto, ao abrigo do artigo 10º da Portaria no 229/2018 de 14 de agosto, convidou a Associação do Porto de Paralisia Cerebral como Entidade Coordenadora Local da Parceria (ECLP) para o desenvolvimento do CLDS – 4G, abrangendo os seguintes territórios de intervenção: Freguesia de Campanhã e Freguesia do Bonfim.

O Projeto “REDES CLDS¹ 4G: Reativar e Empoderar Dinâmicas e Espaços Sociais”, doravante designado por projeto REDES, foi realizado pela Associação do Porto de Paralisia Cerebral–APPC, como Entidade Coordenadora Local de Parceria (ECLP); e pela Fios e Desafios, Associação de Apoio Integrado à Família, como Entidade Local de Execução das Ações (ELEA). Durante 36 meses –entre outubro 2020 e outubro 2023– as entidades parceiras executaram um Plano de Ação, mobilizando participantes e integrando a ação de outras entidades e recursos localmente disponíveis nas freguesias de Campanhã e do Bonfim, da cidade do Porto.

O projeto REDES teve como principal objetivo “promover a inclusão de grupos populacionais que revelam maiores níveis de fragilidade social nos territórios de intervenção, nomeadamente desempregados, crianças, jovens, famílias vulneráveis, idosos em situação de isolamento social, entre outros”.

Para contemplar essa diversidade de beneficiários, foram definidos os objetivos em 4 eixos de intervenção:

- 1 **Emprego, formação e qualificação:** apoiar o acesso ao mercado de trabalho através de ações que permitam contribuir para o aumento da empregabilidade;
- 2 **Intervenção familiar e parental, preventiva da pobreza infantil:** capacitar as famílias para prevenir a pobreza infantil, buscando combater as situações críticas de pobreza e de exclusão social
- 3 **Promoção do envelhecimento ativo e apoio à população idosa:** apoiar a população idosa, prevenindo o seu isolamento social
- 4 **Capacitação e desenvolvimento comunitários:** dar suporte e reativar espaços comunitários.

Vinte e três atividades foram assim concebidas e distribuídas pelos quatro eixos de intervenção, da seguinte forma: oito atividades no eixo 1, seis no eixo 2, sete no eixo 3 e duas no eixo 4, de acordo com o Resumo das Atividades anexado a este documento.

A adoção do acrônimo REDES – “Reativar e Empoderar Dinâmicas e Espaços Sociais” – evidencia a missão do projeto em contribuir para o aumento das competências de cidadania ativa nas comunidades locais, para a articulação e reforço das demais intervenções sociais em curso, e para a redução dos fatores de pobreza, exclusão e discriminação social. No próprio nome e no logotipo do projeto, REDES expõe exatamente aquilo que veio a ser: a construção de uma rede, ou a facilitação de redes, potencializando encontros e conexões entre vários pontos do território intervencionado.

Como pontuado por Cláudia Costa, Chefe da Divisão Municipal de Gestão da Rede Social, os contratos locais de desenvolvimento social “são vitais para a Câmara, porque acabam por ser a forma que neste caso os territórios têm de ter uma identificação fina dos problemas (...)

A Câmara tem todo o interesse nos CLDS porque eles permitem, no fundo, termos todos os parceiros, quer públicos quer privados, numa lógica concertada a intervir num determinado território.”

O território de intervenção do projeto REDES é composto pelas freguesias do Bonfim e de Campanhã, na zona oriental do Porto, definido pelo Vereador Fernando Paulo da seguinte forma:

Estamos a falar de um território onde há uma maior concentração de habitação social pública em regime de renda apoiado. Estamos a falar num território que tem grandes problemas do ponto de vista da pobreza, da exclusão social, do ponto de vista do envelhecimento, da área da deficiência, do ponto de vista da participação e com um deficit de entidades e instituições particulares de solidariedade social que efetivamente também trabalhem mais nessas áreas de intervenção comunitária.

As freguesias do Bonfim e, principalmente, Campanhã configuram um território complexo com várias camadas de problemas sociais que encontram ressonância na “espécie de retrato” de Portugal desenhado pelo Jornal Público², a partir das candidaturas apresentadas no programa do governo Bairros Saudáveis.

É um país preocupado com carências económicas e propostas de apoio alimentar, um país com necessidades de conforto térmico e de arranjos na habitação. É um país preocupado com a solidão, com o analfabetismo, com a baixa literacia digital e com o acesso a internet. É um país preocupado com desempregados, idosos, crianças, mulheres, homens em risco, sem abrigo, emigrantes, e com patologias como diabetes, a tuberculose, as infeções de transmissão sexual

² Em “Perguntaram aos ‘bairros’ o que faziam se tivessem dinheiro”. Luisa Pinto – Público - 12/04/2021

O diagnóstico da área de intervenção feito pelo projeto REDES também aponta, entre estas problemáticas, a incidência da pobreza, população envelhecida, moradores idosos em ilhas e habitações sociais sujeitos a isolamento, dependência, insalubridade, dificuldade de acesso; crianças e jovens em situação de vulnerabilidade, baixo nível de instrução, alto nível de abandono e absentismo escolar; violência doméstica e de gênero; toxicodependência e uso abusivo de jogos; desemprego (juvenil e de longa duração), e exclusão digital.

Há ainda uma camada simbólica que se sobrepõe a esta complexidade. Um certo estigma amplamente reproduzido pela comunicação social, que persiste na caracterização negativa desta área da cidade como violenta, esquecida, abandonada, marginalizada. O teor negativo desta camada simbólica, por sua vez, lança uma opacidade sobre as qualidades positivas deste território: a existência da maior área verde contínua da cidade, um patrimônio arquitetónico e arqueológico de grande valor, um extenso e diversificado tecido associativo.

É também relevante a emergência de vários projetos de requalificação urbana nesta zona oriental da cidade nos últimos anos. Campanhã tem sido o objeto para onde se voltam os olhares e interesses políticos e do empreendedorismo. São muitas as obras recém concluídas ou em andamento na freguesia: o novo terminal intermodal da cidade -TIC, que já funciona como importante hub de transportes, dando origem a uma nova centralidade municipal; o antigo matadouro, que promete trazer arte, cultura e tecnologia para Campanhã; as obras de requalificação dos bairros sociais, tanto nos edifícios quanto nos espaços públicos; a reforma da praça da Corujeira bem como o projeto URBiNAT, que dará origem a um espaço de integração entre os bairros.

O projeto REDES veio articular-se com outros programas e iniciativas locais existentes, experimentando e criando possibilidades de cooperação, no sentido de dar maior

impacto às intervenções em andamento e uma maior visibilidade às qualidades positivas do território. A missão comum entre as iniciativas de base, que intervêm diretamente nas comunidades, é fazer com que as pessoas que vivem ali consigam ter melhores oportunidades de vida. Que consigam sair de situações cíclicas e geracionais de pobreza, podendo chegar a transformar os territórios e a sua narrativa. Que possam, livres de estigmas, mudar a forma como se veem, pensam e falam sobre si mesmos, e sobre o seu lugar. Essa missão visa, sobretudo, produzir um efeito transformador nas pessoas, no sentido de inspirar, motivar e capacitá-las a garantir a sua permanência, fruição e apropriação do território – nestas, e em futuras intervenções.

METODOLOGIA DO PROCESSO DE AVALIAÇÃO

Com início em 1º de março de 2021, o trabalho de consultoria e avaliação do projeto REDES CLDS⁴⁶ foi realizado em três etapas:

- 1 PLANEAMENTO – março a julho 2021
- 2 DESENVOLVIMENTO – maio a julho 2022
- 3 AVALIAÇÃO FINAL – julho a outubro 2023

Este relatório final de avaliação é um documento sistematizado por esta autora³, tendo como base três recursos principais – escuta, observação e análise, que permearam todo o processo, do planeamento à conclusão das atividades. Reuniões, conversas e entrevistas foram realizadas com alguns dos participantes, com a equipa técnica do projeto, e com representantes da Câmara Municipal do Porto.

Na primeira fase, a do planeamento, o objetivo foi criar um cronograma de ação e ferramentas para a sistematização do processo de avaliação, auxiliando a equipa no detalhamento do plano de ações, eixos de intervenções e atividades previstas no projeto. A aproximação à equipa técnica neste período foi fundamental para a elaboração de documentos, métodos e critérios de forma coletiva e colaborativa, permitindo a sua atualização e reavaliação no decorrer de todo o processo.

Esta etapa de cinco meses, de março a julho de 2021, configurou-se como um período de entrosamento e trocas intensas com a equipa, no qual foram realizadas dezenas de reuniões – entre as gerais com toda a equipa ou parte dela, encontros individuais com cada técnico ou com a coordenação – em formato online e também presencial. Conversas e brainstorms também foram realizados para fomentar a comunicação do projeto nas redes sociais. Houve ainda

³ Arquiteta urbanista e museóloga, Fernanda Curi atua como pesquisadora e consultora em projetos culturais, urbanos e sociais. Doutorada em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo e Mestre em Museologia pela Reinwardt Academie Amsterdam. Doutoranda convidada na École des Hautes Études en Sciences Sociales – EHESS Paris. Investigadora/Docente em Pós-Doutorado na Faculdade de Arquitetura, Urbanismo e Design da Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais. Investigadora de Pós-Doutorado no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, associada ao projeto europeu URBINAT.
» www.linkedin.com/in/fernanda-curi-07b406259

contributos na construção final do guião e a realização das entrevistas com os participantes na filmagem do documentário *Pequenas Grandes Vozes*.⁴

A proposta foi realizar uma avaliação coletiva e permanente do projeto. Desta forma, foi possível repensá-lo e aprimorá-lo no decorrer do processo, buscando novos caminhos e fazendo os ajustes necessários. Para cada atividade foram desenvolvidos métodos e formulários que permitiram integrar, na avaliação, a voz dos participantes diretos, dinamizadores e demais parceiros. Pôde-se, assim, verificar em grande parte dos envolvidos, o impacto das atividades. Monitorando de forma contínua as ações, esse método de avaliação permitiu assegurar que estas não se desviassem das reais necessidades da população, e seguissem alinhadas às suas matrizes comunitárias, participativas e de proximidade.

Em primeiro lugar, foi necessário rever e redefinir conceitos básicos como os de “sessão”, “atividade” e “ação”, ficando estabelecido que:

- **SESSÃO:** designa o momento em que se desenvolve algo com os participantes diretos e indiretos;
- **ATIVIDADE:** designa o conjunto de sessões realizadas num determinado período;
- **AÇÃO:** designa o tipo de atividade que se pode desenvolver.

Desse modo, em cada eixo do projeto existiam ações com atividades que continham um número diferente de sessões. Isso permitiu a criação de um **INDEX** para cada atividade, de modo a incluir a sessão, ou o conjunto de sessões, na identificação dos formulários de avaliação e nos relatórios parciais feitos pela equipa. Definiu-se, por sua vez, que a avaliação das sessões seria feita da seguinte forma: as sessões únicas seriam avaliadas no final da mesma; um conjunto de sessões, na última sessão; e as de longa duração, transversais ao projeto, seriam avaliadas de forma periódica, e de acordo com a pertinência, definida pelo técnico responsável.

4 Documentário “Pequenas Grandes Vozes, disponível em: www.youtube.com/watch?v=j_8onWGGYII. O documentário foi filmado no final de março 2021 e permitiu recolher a voz e a opinião de crianças e jovens oriundos de diferentes culturas e países acerca de suas vivências e experiências de convivência intercultural em Portugal. Serviu de inspiração à conversa/mesa redonda online que aconteceu em 8 de abril 2021, sob o tema “Interculturalidade em Espaços Educativos”, na Semana da Interculturalidade promovida pela EAPN Porto.

Esse método de trabalho contínuo e colaborativo entre a equipa técnica e a avaliadora externa deu origem a um protocolo e ao desenvolvimento de seis formulários de avaliação: três para os participantes das atividades (dois dos quais simplificados para crianças e idosos), um formulário para os dinamizadores externos, outro para parceiros e um último para o técnico responsável pela atividade. O total de 537 respostas obtidas nos seis formulários representa uma amostra bastante significativa, correspondendo a cerca de 33% dos participantes do projeto.

Nos formulários dos “participantes”, além da avaliação geral da atividade, foi possível verificar:

- o nível de satisfação dos participantes, suas expectativas iniciais;
- se a atividade correspondeu às expectativas (e caso negativo, o porquê);
- o envolvimento de cada um antes, durante e na avaliação da atividade;
- os aspetos negativos —se algo correu mal ou se houve algum constrangimento;
- os aspetos positivos —qual havia sido a melhor parte, ou o que mais havia gostado;
- se a atividade foi de encontro ao seu gosto e necessidades.

Foi possível ainda receber sugestões de melhoria e verificar se havia interesse em participar de atividades futuras, ou recomendar a participação a outras pessoas.

Os “dinamizadores” e “parceiros” também teceram considerações quanto à pertinência e continuidade da atividade, o seu impacto nos participantes e como ela contribuiu para colmatar as necessidades e os problemas identificados.

Já aos “técnicos”, além das questões anteriores, foi pedido que elencassem os parceiros, dinamizadores e voluntários envolvidos, bem como explicitar como foram estabelecidas as relações entre eles. Neste formulário, mais completo, havia também espaço para reunir outros dados das atividades, como o número total de participantes e observações que se fizessem pertinentes.

Para uma avaliação qualitativa e melhor compreensão das dinâmicas do processo foram realizadas três etapas de entrevistas individuais, nas três fases do projeto: uma inicial em julho 2021, uma intermédia em julho 2022, e outra final, em julho 2023. Na primeira e na segunda, foram realizadas 6 entrevistas com os 6 membros da equipa técnica, incluindo a coordenadora. Na terceira, foram também incluídas as duas novas dinamizadoras incorporadas no último ano do projeto. Estas entrevistas foram gravadas em áudio, com a promessa de manter o anonimato dos entrevistados, de forma a garantir maior sinceridade nas respostas. Com duração entre 40 minutos e 1 hora com cada membro da equipa, essas conversas foram fundamentais para identificar expectativas, conquistas, frustrações, o crescimento a nível individual, os papéis e responsabilidades, bem como as questões coletivas e comuns que atravessaram todo o projeto. Além das entrevistas, foi também de extrema importância a análise das atas de reunião, dos relatórios semestrais e gerais do projeto.

Novas possibilidades de entendimento e reflexões sobre o processo emergiram nos períodos de maior proximidade, quando foi possível participar como observadora direta em grande parte das atividades. A conversa com participantes, dinamizadores, parceiros e técnicos responsáveis, no calor da atividade, possibilitou obter perceções e considerações muito além das contidas nos documentos. A sistematização dessas observações e conversas num diário de campo no decorrer do projeto permitiu sinalizar pormenores que se revelaram questões importantes pela recorrência.

Da análise do diário de campo, entrevistas, imagens, relatórios e formulários elaborados e produzidos no decorrer do projeto, resultou este relatório de avaliação, finalizado em outubro 2023. Em setembro 2023, foram ainda realizadas duas entrevistas com representantes da Câmara Municipal do Porto, nomeadamente o vereador Fernando Paulo (Pelouro da Educação e Pelouro da Coesão Social) e Cláudia Costa, Chefe da Divisão de Coesão Social. Cumpriu-se assim a premissa inicial de acompanhar todo o processo de desenvolvimento do projeto, do seu planeamento até a conclusão, mantendo o carácter “externo” da avaliação, com alguns envolvimento pontuais.

Não foi tarefa fácil avaliar um projeto complexo como o REDES. São muitas as questões que irrompem e se entrelaçam em um trabalho dessa

magnitude. Portanto, a premissa foi fazer uma avaliação coletiva em etapas, com o envolvimento direto da equipa técnica, dos participantes e colaboradores, recorrendo a ferramentas e métodos diversos – mas complementares. Seria mais simples olhar para os números e elaborar resultados comparando o previsto com o alcançado. Bastaria ver os indicadores de realização com 100% das 23 atividades realizadas, 96% delas concluídas, 1598 participantes diretos, envolvendo quase 40 mil pessoas. Um projeto exemplar.

Mas há algo que emerge entre números e resultados, e foi o que se adotou como alvo nesta avaliação. Pois além do registo do número de participantes nas atividades, é importante registar também que houve uma equipa motivada, houve ideação, planeamento, estratégia, organização, mobilização e muito entusiasmo, imprescindível para alcançar aquele objetivo. Um objetivo que não se alcança sem contratempos, imprevistos, mudanças de direção e ajustes que precisam ser feitos, e refeitos. Entre a teoria e a prática existe um mundo de possibilidades, circunstâncias e eventos inesperados que é inevitável enfrentar.

A importância da avaliação de resultados e impactos de projetos tem sua origem na necessidade de informar às agências financiadoras os efeitos e resultados dos apoios concedidos, para que seus programas possam ter continuidade ou que sejam reestruturados a fim de alcançar diferentes objetivos. Há, contudo, uma avaliação que contempla outros parâmetros e levanta algumas questões. Nesse debate, há muitos pontos de vista sobre qual deveria ser o papel e a eficácia desses investimentos em projetos sociais. Em que medida conseguimos avaliar se os objetivos de um projeto como este são, de fato, alcançados? Estes apoios estão revertendo quadros de pobreza, desigualdade e ausência de direitos essenciais? Portanto, transformar esta avaliação num diálogo entre os envolvidos – e deixar suas vozes destacadas entre aspas – foi uma aposta na possibilidade de pensar estes processos de modo menos parcial, impositivo e mais integral e colaborativo. Ao contemplar essas vozes diversas foi possível gerar um espaço de escuta comum aos diferentes pontos de vista. A mim, coube orquestrar essa sinfonia de reflexões.

CRONOLOGIA DO PROJETO REDES

Esta cronologia não pretende ser exaustiva e traçar toda a multifacetada trajetória do REDES, pois seria impraticável, mas sim concentrar-se no que de fato faz sentido para o contexto deste relatório de avaliação. Como ponto de partida, é interessante constatar que um projeto como este, que se diz de três anos, pode durar, de fato, quase uma década, desde a sua concepção inicial até a finalização. O plano de ação do projeto REDES, por exemplo, foi desenhado em 2015, quando a Câmara Municipal do Porto decidiu estender o programa CLDS a mais territórios da cidade, desafiando a Associação Fios e Desafios a apresentar um projeto. Quando em 2019 foi estabelecida a parceria entre a Fios e a APPC, aproveitou-se o plano inicial concebido pela Fios em 2015, que não tinha sido aprovado naquele ano. Como o projeto teve início em 2020, poderíamos considerar que ele começou 5 anos após a sua concepção. Contudo, o longo tempo de espera entre concepção e o verdadeiro arranque do projeto contou ainda com mais uma agravante: a pandemia do COVID 19, que fez com que as atividades do projeto se iniciassem, de fato, apenas em 2021.

2021

A pandemia com seus sucessivos períodos de confinamento na fase inicial do projeto foi, inegavelmente, o maior desafio para o trabalho da equipa técnica. Com um plano de ação que continha “uma grande ambição, uma vontade de fazer muita coisa” – num momento em que as

peessoas estavam inseguras, isoladas, mantendo a distância física uma das outras – a sensação que pairou sobre a maior parte dos membros da equipa era de que talvez não fosse possível realizar aquelas ações “com a profundidade que elas mereciam”. Tanto o aprofundamento no território de intervenção quanto o envolvimento com os participantes ficaram prejudicados. Além de condicionar o arranque do plano de ação, impossibilitado pela própria natureza das atividades de participação com proximidade que estavam previstas, a pandemia fez com que a própria equipa trabalhasse à distância nos primeiros meses do projeto: “Como manter uma equipa integrada e motivada, quando ainda não era possível realizar as atividades propostas por conta da pandemia? Como manter o interesse, a atenção e a energia com um trabalho à distância, entre uma equipa que não se conhecia bem e que precisava construir essa relação interna”? Uma das vezes registradas nesse tempo traduz a angústia: “Não havia nada a acontecer, então era tudo muito intelectual, em cima da ideia, a comunicação era uma coisa difícil”.

Desprovida de contatos presenciais, a equipa mergulhou no planeamento e detalhamento das atividades, suas metas e objetivos. Trabalhou, sobretudo, na articulação das parcerias, realizando inúmeras reuniões com entidades públicas e privadas, associações locais e com outros projetos atuantes na área de intervenção. Se por um lado não foi possível “arregaçar as mangas e partir para ação”, o confinamento permitiu iniciar de forma cuidadosa e criteriosa, um levantamento dos recursos locais existentes e estabelecer uma incipiente rede de futuros parceiros. Também foi possível identificar a avaliadora do projeto, aprofundar no diagnóstico e mapeamento do território e criar um banco de dados. Em janeiro 2021, foi possível “ensaiar um primeiro contato com futuros participantes” com a oficina de Educomunicação, no âmbito da atividade *Comunidades de Prática*, com cinco jovens da freguesia de Campanhã, em parceria com a iniciativa Campanh’up do projeto europeu URBINAT,

Naquele momento inicial, o fato de serem duas entidades (APPC e Fios e Desafios) trabalhando em parceria constituiu um grande desafio enfrentado pelos membros da equipa, gerando uma série de conflitos e desentendimentos. Embora houvesse um desejo comum sustentado pela motivação de cada técnico em participar de um projeto essencialmente em parceria, que visava “tornar as comunidades capazes de transformarem a sua própria condição de vida”, logo surgiram diferenças. Uma das vozes anunciava: “É necessário ter um alinhamento de valores, de formas de intervir. À partida toda a gente tem princípios básicos semelhantes, mas depois, dos princípios à prática, pode-se não ser como a gente diz”. Tais divergências precisariam ser trabalhadas para que não proliferassem competições, desconfianças e pequenas intrigas.

A diferença de alinhamento mais ressaltada pelos membros de ambas entidades era no “esforço do empoderamento e envolvimento das pessoas no processo e naquilo que se vai constituir”, que todos sentiam estar a fazer. No entanto, pairava uma certa dúvida quanto ao que o outro estava a fazer, no sentido de que poderia haver um “discurso de empoderamento, mas não uma prática”, com o risco de que predominasse “um carácter mais assistencialista”. Tudo isso acabava por gerar uma preocupação excessiva com o trabalho alheio, e não tanto com o trabalho em conjunto, ou com o próprio trabalho.

Agravada pelas incertezas do período pandêmico, a situação de animosidade geral na equipa chegou ao limite logo nas primeiras participações desta avaliadora nas reuniões, ainda de modo online. Foi então tomada a decisão de reestabelecer as responsabilidades de execução do projeto entre as entidades, ficando a APPC responsável pela execução das atividades dos eixos 1 e 4, e a Fios e Desafios responsável pelos eixos 2 e 3. Mesmo com a separação por eixos, a premissa era que a equipa continuaria em articulação próxima, partilhando em reuniões mensais o desenvolvimento das atividades de seus respetivos eixos.

A divisão da equipa do projeto pode ter dificultado o envolvimento de participantes nas atividades que ficaram sob a responsabilidade de cada entidade, entre as duas freguesias– a Fios no Bonfim, e a APPC em Campanhã. Além das atribuições internas motivadas pelas supostas diferenças de posicionamento, ou de abordagem, o maior receio da equipa naquele começo era o público: “onde vamos conseguir público”, “como vamos encontrar e mobilizar os mais jovens”? Quando questionada se, no desenho do projeto, o público alvo teve alguma participação, a equipa parecia ciente que o mesmo não fora criado diretamente com os beneficiários, mas que possivelmente teria sido desenvolvido com a participação de outras entidades atuantes no território, em 2015. A mobilização de novos participantes para as atividades tornou-se um dos grandes desafios, que incluía tanto a dificuldade de aproximação aos grupos de beneficiários quanto em angariar participantes da zona de Campanhã, principalmente a comunidade cigana.

Nesse ponto, é possível avaliar que esta seja uma problemática de base comum aos projetos de intervenção comunitária. Talvez deveria ser abortado o termo “público alvo”, “ou beneficiários”, e adotado “parceiros”, ou “coproponentes” e “cocriadores” do projeto. Pois não deveria se tratar de um conjunto de ações concebido por um grupo de especialistas *para* um determinado grupo de pessoas, e sim *com* essas pessoas, para que de fato seja possível pensar na autonomia e sustentabilidade desses processos.

O maior descompasso e desajuste nesses projetos parece ser a obrigação do cumprimento de um formato pré-definido, de uma entrega de resultados medido em números, num prazo que não contempla o envolvimento com as pessoas locais. Isso é algo que definitivamente não se faz de uma hora para outra. Como bem observado por um membro da equipa, até que se estabeleçam as relações de confiança “o trabalho comunitário não é fácil, tem muitos fatores, tem muitos condicionantes, é muito difícil entrar no território, é

um processo gradual”. Esta observação encontra ressonância na fala da representante da Câmara Municipal do Porto: “O problema de tudo isso é estarmos sempre presos a instrumentos iniciais muito herméticos. Esses projetos deveriam ser muito mais experimentais do que o que são. Temos projetos comunitários com uma rigidez de cronograma e de fases que não se adequam a este tipo de intervenção.”

Após os reajustes na equipa, foi possível arrancar com algumas atividades naquele ano de 2021: o *Crescer Saudável* nas escolas e uma segunda *Comunidade de Prática* em decorrência do trabalho realizado na Semana de Interculturalidades. Merece destaque a primeira edição do *Salto Alto*, que contou com um artista a realizar retratos do grupo de mulheres participantes, culminando numa exposição dos desenhos no Agrupamento de Escolas do Cerco. Um ensaio para o *Campmarket* foi realizado em maio 2021 na associação local Lagartixa Park, também em colaboração com o URBINAT. A realização deste evento trouxe certamente um protagonismo para o REDES, pela eficiência demonstrada na mobilização de participantes e expositores, e na facilitação das infraestruturas e equipamentos.

As demais atividades continuaram em preparação, com a equipa a identificar potenciais grupos de participantes e a reunir parceiros, dinamizadores e voluntários. Destacam-se as parcerias estabelecidas com os Agrupamentos Escolares (AE Cerco em Campanhã e AE Alexandre Herculano no Bonfim), que se tornaram vitais para as atividades nas escolas. Foram também fundamentais as parcerias com as Juntas de Freguesia do Bonfim e de Campanhã, e outras associações e intervenções locais, que permeariam por todo o projeto: A pele do vínculo, o projeto URBINAT, o projeto Sinergi@s, e associação Cura +.

É importante também destacar o arranque de *Associa-te*, uma atividade que, através da realização de diversas reuniões com dirigentes associativos locais, enriqueceu o mapeamento do território e o levantamento de necessida-



Imagem do primeiro evento público co-realizado pelo REDES no Lagartixa Park em Campanhã, em Maio 2021. FOTO DA AUTORA.

des, contribuindo assim para o aprofundamento do diagnóstico local. Esta atividade originou um trabalho individualizado de qualificação com algumas das associações locais face às demandas, interesses e expectativas identificadas.

Naquele momento, esperava-se que o alívio das medidas de prevenção da pandemia pudesse contribuir para um incremento das atividades do projeto – o que de fato só viria a acontecer a meio do segundo ano. A esperança da pandemia estar controlada após o verão de 2021 esvaneceu-se com a imposição de novas medidas restritivas, que se se estenderam até o fim de janeiro 2022, deixando a equipa obrigada a adiar novamente as atividades, sobretudo com as escolas, que tiveram as aulas presenciais suspensas.

2022

O início de 2022 continuou marcado por incertezas quanto à possibilidade de reunir pessoas presencialmente num mesmo espaço, comprometendo a execução do plano de ações de forma mais regular. Em abril daquele ano foi feito um pedido de alterações no projeto por conta dos atrasos ocorridos em decorrência da pandemia. Algumas atividades tiveram o número de participantes, até então aprovado no Plano de Ação em 2020, reajustado de acordo com a realidade imposta. Esta realidade, além de impossibilitar a realização de atividades presenciais e grupais, afastando potenciais participantes com o receio de contágio, expôs a fragilidade de acesso à internet e ao uso de equipamentos tecnológicos por grande parte dos participantes. A pandemia também fez com que a equipa reavaliasse prioridades devido a alterações na condição de saúde e fragilidade financeira dos beneficiários do projeto. As datas de começo e término oficial do projeto foram então clarificadas, ficando demarcado o início em outubro 2020, e o final em outubro 2023.

Podemos dizer que o projeto REDES pôde finalmente ser implementado, sem mais descontinuidades, em abril 2022. Todas as atividades que estavam até aquele momento em fase de espera, na busca de uma brecha para poder acontecer, foram a partir de então colocadas em marcha. Nas atividades com as pessoas em situação de desemprego, como o *Vou + longe* e o *Sei +*, foram estabelecidas novas parcerias (Instituto do Emprego e Formação Profissional–IEFP e os Gabinetes de Inserção Profissional–GIP) e angariados novos voluntários especializados na educação não formal. Isso deu início a uma série de atendimentos individuais e a oficinas de capacitação e desenvolvimento de atitudes para a procura ativa de emprego, além das divulgações de ofertas de empregos locais através das redes sociais do projeto.

Nesse período, uma importante parceria foi estabelecida com o coletivo Epifania, que veio a constituir a Associação Juvenil Capítulos Imprevisíveis. A aproximação a este grupo de jovens artistas deu origem a uma série de oficinas no âmbito do *Capacitarte*, que atravessariam todo o projeto. A experiência do *Capacitarte*, nomeadamente com esta associação juvenil, aponta para uma das características mais relevantes do projeto: fomentar iniciativas independentes já existentes no terreno, criando oportunidades para potencializar as suas ações e fortalecer as suas estruturas.

Vale ressaltar também que foi neste período que REDES se estabeleceu de forma mais contundente no bairro da Lomba (Bonfim), o que permitiu a dinamização de outra associação local, desta vez a de moradores. O fortalecimento do vínculo com esta associação deu origem a realização de inúmeras atividades como o *Crescer +*, com um grupo de adolescentes e jovens da vizinhança, e o *Coro dos vizinhos*. O coro, naquele semestre, conseguiu manter seus ensaios presenciais mesmo durante os confinamentos, incluindo uma apresentação pública com os idosos participantes. As *Oficinas + igual* foram também amplamente realizadas nas escolas básicas das duas freguesias, reafirmando a fertilidade dessas ações nos ambientes escolares.

Entre as conquistas mais significativas destacadas pela equipa naquele momento do projeto estão o estreitamento das relações com as comunidades, com o território e com as entidades locais. Nomeadamente, o encontro de novos espaços onde realizar as atividades, e a formação de uma incipiente rede de voluntários para as atividades *Vou + Longe*, *Empresário Mentor*, *Recados e Cia*, e *Dá Tempo*.

Mesmo com o atraso pandêmico, esperava-se que ao fim daquele segundo ano do projeto, 90% das atividades estivessem em execução e que fossem reforçadas as relações de parceria. Esperava-se, ainda, que fossem alcançados mais 140 participantes e registados elevados níveis de satisfação por parte dos envolvidos– o que de fato se realizou.

Na segunda metade de 2022 foi quando o projeto finalmente floresceu, após a longa etapa de incubação da semente nos tempos pandêmicos, seguida da dificuldade em fazer brotar as primeiras plantinhas. Neste período o projeto passou por um verdadeiro boom, alavancado pela grande ação realizada em torno da sede do REDES do Bairro do Cerco, o Espaço Todos, em 19 de julho 2022.

Nessa “Açãozona”, como foi chamada a apresentação pública do projeto no Cerco, o objetivo foi partilhar com a comunidade o trabalho que vinha sendo desenvolvido pelo REDES. Com o foco nas oficinas *Capacitarte* e seus jovens participantes, a expectativa era desenvolver novas oficinas trazendo mais participantes do bairro. Foi uma atividade que durou o dia todo e contou com a participação de mais de uma centena de pessoas sob uma intensa programação. Foram criados sets de DJs na oficina de Mixagem, houve produção fotográfica de looks desenvolvidos na oficina de Estilismo contando com a participação especial de um jovem influencer do bairro do Cerco, que trouxe grande parte do público ao evento. Houve ainda a criação coletiva de grafiti na parede externa do Espaço Todos; sessão de open mic com rap e hip hop, além de corte artístico de cabelo ao vivo. Junto aos jovens, as crianças do bairro também participaram, em êxtase, de atividades de desenho, música e stencil durante todo o evento.

Esta grande ação marcou, sem dúvida, um ponto de inflexão do projeto, com toda a expressão e potência criativa que emanaram dali.

Importante destacar que a preparação e a mobilização para este evento se fortaleceram com o “Café com conversa”, uma série de pequenos almoços oferecidos na parte externa do Espaço Todos. Como uma tentativa de maior aproximação à comunidade do Cerco, foi também uma forma de abrir aquele espaço aos moradores, uma vez que o andar térreo do edifício não se encontrava em condições de uso. O projeto teve, portanto, que funcionar no segundo



Imagem do evento realizado pelo REDES no Espaço Todos, no bairro do Cerco do Porto em Julho 2022. FOTO ACERVO REDES

andar, quase sempre com portas fechadas. Durante os encontros do Café com conversa foi crescendo a ideia de devolver este edifício à comunidade, para que ele pudesse também servir como espaço de convívio e dar continuidade às atividades implementadas pelo REDES, e por outras intervenções locais. Após o evento, gerou certa comoção a remoção do grafite realizado nas paredes externas do edifício, prontamente solicitada pela Câmara, que naquele momento resolveu dar andamento a uma licitação para requalificação do espaço.

Naquele mês de julho 2022, a atuação de REDES no Cerco foi noticiada pela televisão⁵, mas por outro motivo. Josefino, um residente do bairro, concluiu com sucesso o segundo ciclo no curso de dupla certificação “Carpinteiro de

5 Ver: Lusa (Agência de Notícias de Portugal), 26 de julho de 2022 – reportagem: Jorge Fonseca | imagem e edição: André Sá ↗ www.youtube.com/watch?v=c-njRdCtIv_c

Limpos”, na modalidade de Educação e Formação de Adultos do IEFP. Tudo isso ocorreu graças às oficinas *Vou+Longe*, que o auxiliou a desenvolver algumas competências básicas, criando novas ferramentas e a oportunidade de que ele ingressasse na qualificação mais motivado e seguro. Isso certamente foi mais uma prova que, “o trabalho em rede muda rumos e quebra ciclos”, como foi dito na ocasião.

Neste caso, a equipa do REDES conseguiu furar a barreira invisível e resistente entre o Bairro do Cerco e o IEFP, separados por apenas uma rua. Contudo, vale ressaltar que a maior parte das pessoas encaminhadas pelo REDES ao IEFP não foi contemplada com as formações, pois o Instituto não chegou a abri-las. Isso demonstra o descompasso temporal entre as instituições e as intervenções no campo, e reforça a necessidade de estabelecer dinâmicas mais concertadas no trabalho em conjunto.

Outra iniciativa marcante nesse período foi a realização do *Empresário mentor*, que criou 30 duplas de empresários e jovens para a realização de mentorias. Cada mentoria, um processo singular, com objetivos e metodologias específicas ajustadas às expectativas dos mentorados e mentores. Um processo que resultou numa oportunidade para auxiliar os jovens na escolha de cursos técnico-profissionais e/ou licenciaturas pós-secundário. Viabilizou, além de visitas a espaços universitários, o acompanhamento em contextos reais de trabalho e até mesmo a realização de estágio para descobertas vocacionais. Permitiu também trabalhar algumas das dificuldades identificadas pelos mentorados, como insegurança, dislexia, timidez. A constatação geral foi que essa atividade abriu portas não apenas para os jovens, mas para os empresários participantes, que confrontados “no um a um” com a experiência e envolvimento num projeto social, revelaram-se também transformados, como os jovens. Além de tudo, a experiência parece ter tido grande impacto nas escolas segundo a avaliação de uma professora: “A atividade veio dar respos-



Imagem de Josefino no curso da formação "Carpinteiro de Limpos" do IEFP através da atividade *Vou+longe* do projeto REDES. Julho 2022. FOTO DA AUTORA

ta a uma das nossas dificuldades: a de possibilitar testemunhos reais e o contacto com percursos de carreira com os quais os jovens (individualmente) se identificam”.

Na pluralidade de REDES, enquanto jovens se encontravam com empresários, ou se tomava pequenos almoços em sofás pelas ruas do Cerco, tanto a orquestra *Ciga-nos* quanto o *Coro dos Vizinhos* faziam as suas primeiras apresentações públicas. As crianças do Bairro do Cerco seguiam nas agitadas e concorridas sessões de cinema no Espaço Todos, enquanto os jovens na Lomba se encontravam semanalmente na associação de moradores. Trazendo novas perspetivas de sustentabilidade ao projeto, as mulheres do *Salto Alto* se associavam à marca Mycloma dando origem ao projeto EntreLinhas que, integrado numa

atividade do projeto Recomeçar da Fios e Desafios, passou a comercializar as bolsas criadas por elas a partir de roupas usadas. Em simultâneo, as crianças participantes do *Quando eu for grande* nas escolas, faziam explorações vocacionais através de contatos com profissionais e projetavam soluções para os problemas identificados na comunidade local e escolar, gerando resultados que foram dignos de uma exposição. Os vizinhos da Lomba se encontravam na atividade *Ó Bizinho*, com direito a visitas a museus, quintas, passeio de barco e muito convívio. Enquanto isso, pessoas idosas e/ou com algum tipo de deficiência ou incapacidade recebiam visitas da equipa de *Recados e Cia*, para que fossem resolvidos pequenos problemas cotidianos. Esta foi uma atividade que se mostrou de difícil execução e teve de ser redirecionada pela equipa, como veremos mais adiante.

Ao final do segundo ano do projeto, 91% das atividades estavam a ser realizadas, com 30% já concluídas. As atividades realizadas com as crianças nas escolas refletiam grande parte deste percentual alcançado, evidenciando como o espaço da escola é fértil do ponto de vista da participação. As atividades com os idosos arrancavam com sucesso após o mais longo período de confinamento imposto a este grupo em particular; as com jovens, decolavam a todo gás, trazendo uma injeção de vitalidade e encantamento ao projeto transmitida não apenas pelos participantes nas atividades observadas neste período, mas também pelos técnicos. Ficou evidente o crescimento da equipa, mesmo para os técnicos que se mostraram insatisfeitos no primeiro momento da reestruturação em torno dos eixos. Pôde-se ver aí os ganhos que vem junto com decisões ou circunstâncias imprevistas: privados das atividades que desenvolviam junto ao seu grupo de maior interesse, ou com o qual tinham mais experiência (idosos, crianças), foram levados a trabalhar com outros grupos. Foi preciso abrir-se e redescobrir-se, encarando a dificuldade como oportunidade de transformação.

2023

Na primeira metade do último ano do projeto, depois do rápido avanço ocorrido no ano anterior, foi possível dar continuidade às atividades que já estavam no bom caminho e reajustar outras, buscando melhorar desempenho e alcance. O *Campmarket* passou a ser realizado na Praça da Corujeira, com melhores infraestruturas de apoio, mais público, mais expositores e maior facilidade de acesso e estacionamento.

O destaque fica na realização do *Duoday* no dia Internacional da Discriminação Zero (01/03), gerando mais uma comunicação espontânea do projeto na grande mídia, noticiado na Agência Lusa, no Jornal de Notícias e Jornal Vivacidade. O Centro de Recursos para o Emprego da APPC foi envolvido nesta edição da atividade e devido ao seu sucesso, irá possivelmente incorporá-la ao fim do projeto REDES, garantindo a sua sustentabilidade.

As oficinas do *Capacitarte*, já consolidadas, seguiram avançando para outros pontos do território, abrindo cada vez mais o leque de opções artísticas com as oficinas de muralismo, mixagem, teatro de improviso, produção de cartazes, up-cycling, moda, circo e produção musical. Mais de uma dezena de artistas locais dinamizaram e incentivaram a participação de pessoas em situações de desemprego ou à procura do 1º emprego, e também pessoas com deficiência e incapacidade, alcançando naquele momento a marca de mais de 340 jovens impactados com a atividade.

Ainda nesse período, a realização da atividade *Bootcamp para o Empreendedorismo*, dinamizado pela Associação Transformers, trouxe na sessão final “Ideias para Salvar o Mundo”. A atividade culminou com o Festival Rua, em Guimarães, que juntou grupos de participantes desta e de outras atividades do REDES, como *Ó Bizinho*. Apesar das dificuldades, houve um esforço da equipa em integrar as atividades dos diferentes eixos, como a apresentação do *Coro dos Vizinhos* no *Campmarket*. E também, um esforço em fazer convergir atividades que se relacionaram num contexto específico, como foi o caso de



Imagem da apresentação do *Coro dos Vizinhos* durante o *Campmarket* na Praça da Corujeira em Março 2023. FOTO: ACERVO REDES

Vou + longe, Sei +, Associa-te e Capacitarte na Associação local Iniciação Desportiva de S. Roque.

Outras parcerias com vista a sustentabilidade das atividades do *Crescer+*, foram estabelecidas com o Projeto ZHA! em dois espaços de criação nos bairros do Cerco e do Lagarteiro. Como veremos adiante, o esforço e comprometimento da equipa técnica permitiu garantir a sustentabilidade de algumas atividades do projeto, rendendo frutos e novas sementes.

Nos últimos meses os esforços se concentraram na sistematização dos processos e na preparação do evento de encerramento, incluindo a realização de um documentário⁶ sobre o projeto. Participantes e colaboradores reuniram-se em pequenos grupos para partilhar suas memórias, impressões e experiências, e também para construir juntos o evento final.

6 > www.youtube.com/watch?v=N-WZ2-9PCgw



O evento de encerramento do projeto REDES foi realizado em 13 de outubro 2023. A aposta da equipa técnica em concluir o projeto com um Fórum de Intervenção comunitária foi oportuna e condizente com todo o processo. Todos os envolvidos, entre participantes, parceiros e colaboradores, foram convidados a celebrar juntos e a partilhar ideias e vivências. Entre apresentações, exposições, mesas redondas e oficinas, a equipa do REDES propôs uma reflexão sobre a ação, levantando questões sobre a sustentabilidade, participação, identidade e inclusão em processos de intervenção⁷.

Realizado na Junta de Freguesia de Campanhã no período da manhã e na Junta do Bonfim pela tarde, o evento reuniu mais de cem pessoas envolvidas no projeto, que participaram ativamente das atividades propostas naquele dia. Algumas reflexões deste relatório foram apresentadas por esta avaliadora numa mesa redonda,

Imagem da gravação do documentário sobre o projeto REDES, apresentado no evento final do projeto. Setembro 2023.
FOTO: ACERVO REDES

⁷ Algumas das questões que foram propostas pela equipa e debatidas no Fórum: Como garantir continuidade neste movimento de capacitação das comunidades e dos territórios? Como se dá voz às pessoas e como se incluem as pessoas nos processos de capacitação? Qual é o papel diferenciador dos CLDS no combate à pobreza e exclusão social? Que plano de ação é expectável, desejável e necessário para estes territórios? Como é que se combate a pobreza num sistema que a potencia? Vamos falar dos princípios fundamentais da inclusão social?



Imagem da abertura do "Fórum de Intervenção Comunitária" na Junta de Freguesia de Campanhã, organizado pela equipa como o evento final do projeto REDES. Outubro 2023. FOTO DA AUTORA

gerando um frutífero debate com os convidados. Tal discussão possivelmente acendeu uma faísca sobre a necessidade de que os intervenientes locais se organizem para garantir a continuidade da partilha.

A dedicação e o entrosamento da equipa na preparação e realização deste evento revelou que, afinal, ao contrário das incertezas na gênese do projeto, houve alinhamento e maturidade para enfrentar e superar os desafios impostos. Como concluído por um dos membros, embora "egos tão diferentes", por vezes, levantassem "suspeitas quanto às abordagens e estratégias de intervenção", sempre houve valores fundamentais comuns a toda equipa em relação "às tomadas de decisão de forma participada", "à autonomia das escolhas individuais". Ou seja: "nada sobre as pessoas, sem as pessoas". Tempo e compromisso são realmente fatores decisivos na dinâmica das relações interpessoais.

CARACTERÍSTICAS EVIDENCIADAS NO PROJETO

Convívio, pessoas, participantes, interação, trabalho, organização, espaço, comunidade, música, disposição, conhecer, simpatia, alegria, movimento, livre. Tudo, todos e todas. Estas foram algumas das palavras mais repetidas nos formulários de avaliação que foram respondidos pelos participantes, dinamizadores, parceiros e técnicos envolvidos no projeto REDES.

O intuito geral da avaliação de projetos de intervenção social consiste em analisar os resultados das diversas formas de intervenção e sua adequação aos objetivos fixados. Avaliar a eficácia e eficiência das atividades desenvolvidas, a qualidade da parceria e da equipa técnica. Para o conseguirmos foi necessário, inicialmente, tentar perceber, por vezes nas entrelinhas, as experiências e reflexões dos que estiveram diretamente envolvidos – o que foi dito, escrito, escutado e observado.

Encontrar–conviver–partilhar: eis a tríade para a qual todas as atividades do projeto REDES convergem. Como bem observado por uma integrante da equipa: “é de salientar a existência de participantes que apenas possuem estas atividades como momento de lazer e de encontro com outras pessoas”. Desse modo, as atividades desenvolvidas no projeto não apenas cumpriram com os seus objetivos específicos, mas “promoveram o encontro, o convívio e as relações entre as pessoas, combatendo o isolamento social e aumentando as redes de apoio informal”. Além de “proporcionar experiências que, para a maioria dos participantes envolvidos, seriam difíceis de concretizar pelos seus próprios recursos socioeconômicos”. Para o grupo de senhoras idosas que se encontravam uma vez por semana para cantar no *Coro dos vizinhos*,



Imagem da captura de tela do programa Wordle que organizou visualmente as palavras mais usadas nas respostas dos formulários de avaliação do projeto REDES

a percepção era de que aquele era “um momento que trazia muita alegria”, como declarado por uma das participantes. O dinamizador, por sua vez, corrobora: “no início, esperava que a atividade fosse algo mais voltado para a música. Cheguei a trazer partituras para ensaios, mas logo vi que aquele não seria o caminho, pois aquilo tratava-se de um lugar de encontro, de partilhar um momento juntos. A música seria, portanto, meio, e não fim”.

Para o grupo de cuidadores que partilham os desafios e as dores do cuidar de alguém, a atividade *Cuidar+* era considerada interessante não apenas “para aprender novas técnicas e formas de cuidar”, mas também “em relação ao grupo que se forma a partir do interesse comum”.

Na associação de moradores, os jovens e adolescentes participantes do *Crescer+* concordavam que aquela atividade “era fixe pois servia para aprender a trabalhar coletivamente, a estar juntos e a dinamizar a associação”.

Embora fosse quase uma unanimidade entre as crianças participantes da atividade *Crescer Saudável* que a melhor parte era “o lanche”, houve quem gostasse “de apanhar o lixo e deixar o ambiente mais limpo”, “de aprender os alimentos saudáveis”, de “saber como as coisas são feitas”, de haver “estado todos juntos”.

Na atividade *Dá tempo*, a senhora idosa que dinamizou algumas sessões com uma turma de crianças de 8 anos na escola básica, referia-se àqueles meses passados juntos como tendo aberto “um bloco fechado que tinha no coração”, que as crianças vieram “com as suas chavinhas”. “Não é tanto tempo que estivemos juntos, mas é o que vivemos e sentimos”, dizia ela ao se despedir ao grupo, levando todos às lágrimas.

No grupo de jovens da oficina de grafite do *Capacitarte*, a constatação era que o simples fato de estar ali era algo que “estimulava a criatividade”, porque “inspira estar com os outros”. Aquilo se tratava, afinal, de “criar relações, memórias e experiências, muito além de pintar muros”.

O grupo de mulheres do *Salto Alto* que se reunia uma vez por semana para, através da arte, trabalhar questões como maus tratos, culpa e solidão, concordava que aquele era um bom momento para “não pensar nas coisas da vida”. Por outro lado, era também importante para “poder falar de coisas que antes não falava para ninguém, guardava tudo”, o que “fazia muito mal”. E até mesmo para “descobrir que tinha mais competências do que aquelas que achava que tinha”. Para “sentir que faço parte de um grupo coeso” e “saber que tenho pessoas com quem posso contar”.

Na *Oficina+igual* realizada na Escola Básica do Lagarteiro, a pura constatação das crianças que, após assistirem uma curta-metragem sobre bullying falavam sobre “a força da amizade que nada consegue destruir”.

No *Família mais*, a jovem imigrante, mãe solteira, confessava que embora não gostasse “de ficar voltando aos problemas” – que envolviam violência doméstica e experiência de trabalho análogo à escravidão – “os encontros traziam alívio”. Como se “sentia muito sozinha”, era “bom poder contar com o apoio que o grupo oferece”. “Só falar já faz bem”.

Outro grupo de crianças na atividade *Quando eu for grande* dizia acreditar que as coisas que estavam a aprender – sobre desperdício alimentar, reciclagem e sustentabilidade – eram “muito fixes” porque “irão fazer bem não só para gente, mas para todos”. Sentiam-se protagonistas nas atividades, “tiveram em conta a nossa opinião”. O comentário da professora reforça que os alunos estavam a aprender muito naquelas sessões, pois já havia visto um ou outro a alertar outras crianças no recreio quando estas jogavam lixo no chão: “estavam todos muito envolvidos naquela dinâmica”.

O jovem que teve a experiência de trabalhar um dia numa empresa durante o *Duo Day*, ressaltava que as pessoas que o receberam o trataram “como uma pessoa qualquer, não como alguém com incapacidade”. Outro participante da mesma atividade refletia que precisava encontrar um trabalho ou até mesmo voluntariar “para não ficar em casa, parado”.

Grande parte dos participantes do *Campmarket* concordava que, mais importante que a venda dos produtos, “era o encontro que valia”. Identificavam que o melhor era o “convívio”, “a relação entre os participantes”, “a simpatia”, “o local”, “a animação e boa disposição”, “a partilha de interesses”, “o astral das pessoas e dos organizadores”. Referiam-se àquele como “o momento de troca com a comunidade, além do ambiente saudável, podendo mesclar trabalho com um ambiente relaxante”.

As quarenta crianças que se encontravam para a sessão mensal de cinema no Espaço Todos no bairro do Cerco, não

paravam de falar e pediam em uníssono “filme de terror”. Ficavam em êxtase com o lanche oferecido (pipoca, bolo e sumo) e simplesmente não queriam ir embora após a sessão, tamanha a diversão.

As pessoas idosas que receberam o apoio de voluntários para realizar pequenas tarefas domésticas no *Recados e Cia* refletiam que o melhor daquilo era “ter companhia e alguém com quem falar”.

As famílias que se encontravam para as ações de capacitação parental do *Família mais* percebiam que “há mais pais na mesma situação que eu”, e que “os problemas da parentalidade são vividos por todos e estamos sempre a aprender”.

A contagiante satisfação do voluntário de *Vou + longe* ao lembrar do dia em que recebeu um telefonema da participante da sua oficina de alfabetização para adultos, dizendo que havia conseguido ler o destino do autocarro. Estava feliz porque a partir de então saberia ao certo para onde estava indo.

Na partilha entre os *Empresários mentores* e seus mentorados, enquanto os últimos alegavam que a atividade havia ajudado “a perceber o que eu quero fazer” e a “melhorar a minha confiança em mim mesma”, os primeiros compreendiam que aquela mentoria consistia, de fato, “numa corrente de apoio um para um.”

Nos encontros do *Ó Bizinho* promovidos para criar uma rede de apoio mútuo numa vizinhança, os participantes identificavam como a melhor parte o próprio “convívio com os vizinhos”. Também destacavam “as visitas que fizemos” em lugares conhecidos por turistas, mas até então desconhecidos por eles que vivem na cidade há mais de cinco décadas. Do ponto de vista dos parceiros que viabilizaram a entrada gratuita nestas visitas –o que na maior parte das vezes é o fator impeditivo para o acesso– a percepção é de que a atividade “contribui para que idosos mais resistentes saiam de casa”, proporcionando “momentos de lazer, convívio e exercício físico”.

O entusiasmo da participante do *Famílias Empreendedoras*, ao descrever a oficina como “maravilhosa, porque me levou a uma grande reflexão sobre nós mesmos. Às vezes o dia a dia nos distancia dessa reflexão de nos conhecer”.

Um jovem participante da oficina de teatro do *Capacitar-te* identifica como a melhor parte “o espírito de equipa”. Visão corroborada pelo dinamizador da atividade, que enfatiza “a entrega dos participantes, a integração de todos, a existência de momentos descontraídos que promoveram a socialização e geraram a simpatia”. Através da arte parece ser mais possível expressar a sutileza nas conquistas: “Conseguiu-se criar um espaço inclusivo e de acolhimento para o processo criativo”, relata outra dinamizadora do *Capacitar-te*, enquanto uma terceira destaca, na sua oficina, “a formação de um grupo consistente que demonstrou senso de coletividade e autonomia em situações adversas”. A sua avaliação expressa com clareza os intangíveis e nem sempre mensuráveis resultados do projeto:

Avalio essa atividade como de extrema importância, tanto no sentido individual, como coletivo. Proporcionar momentos de abstração e criação às pessoas imigrantes/negrxs/periféricas/mulheres/LGBTQIA+, que, muitas vezes, trabalham em subempregos e não têm acesso aos equipamentos e ferramentas necessárias, para expressarem-se artisticamente, é uma forma de inserir essas pessoas na esfera social, pelo viés do protagonismo e não da precarização/exploração, às quais muitxs encontram-se submetidxs.

Por último, a síntese perfeita do participante da oficina de escrita criativa, ao afirmar que tudo aquilo se tratava, afinal, de “encontrar foco no sufoco”.



Imagens que refletem a pluralidade do projeto REDES.

FOTOS DA AUTORA E DO ACERVO REDES

QUALIDADES

ALCANCE, ARTICULAÇÃO, IMPACTO

As ações estratégicas para a concretização dos objetivos operacionais do projeto REDES foram ganhando cada vez mais força a partir da experiência concreta no terreno. Foi notável o desempenho individual e coletivo da equipa técnica, em articulação com uma potente rede de parceiros. Podemos considerar que as formas de intervenção escolhidas pelo REDES foram adequadas ao território, e que os eixos do projeto tinham coerência, embora pudessem ter havido uma maior integração entre eles.

No que diz respeito a Eficiência, o projeto fez um trabalho exemplar na utilização dos recursos – financeiros, materiais e humanos – em relação às atividades e aos resultados atingidos. Com um orçamento global da operação de **617,500.00€**, foi desenvolvido um trabalho em parceria, contando com a colaboração de mais de **190 entidades, pessoas e projetos locais**⁸.

Executado por **2 entidades** (APPC e Fios e Desafios), o projeto REDES CLDS4G teve duração de **36 meses** (2020 a 2023). Contou com uma equipa permanente de **6 técnicos**⁹, três de cada entidade. No decorrer do projeto, foram realizadas todas as **23 atividades** planeadas, organizadas em torno de **4 eixos** de ação. Dos 100% de atividades realizadas, 96% foram concluídas.

A área de intervenção do projeto, as freguesias de Bonfim e Campanhã, é um território de **11,18 km²** e **52644 habitantes** – o que corresponde a 27% da área do município do Porto e 22,7% do seu número total de habitantes. O objetivo inicial do projeto era alcançar diretamente um total de **1310 participantes diretos**. Foram alcançados

8 Entre as entidades parceiras: A Figura Nacional, A Oficina, A Pele, A Pele do Vínculo, A Soalheira, Aces Porto Oriental, Adriano Esteves, Ae Alexandre Herculano, Ae António Nobre, Ae Cerco, Aeds, Aidê, Albergues Noturnos Do Porto, Ana Pimentel, Ana Rita Lopes, Animais De Rua, Arpi, Ass. Branco E Negro, Ass. Caos, Ass. H. Bombeiros Voluntários Portuenses, Ass. Mimi, Ass. Moradores Da Lomba, Ass. Moradores Do Pêgo Negro, Ass. Oupa, Ass. Romani, Ass. Sr.do Bonfim, Ass.empresarial De Amarante, Atravessa, Benedita Gonçalves, Benéfica E Previdente, Bia Petrus, Bliip, Bruno Prudêncio, Caarpd Appc, Cáritas, Carla Carvalho, Carla Oliveira, Casa Do Pão, Catarina Oliveira, Catharina Lemos, Caves A.a. Calém E Filho, Cdss Porto, Celso Gomes, Centro Ambiental Covelo, Cerporto (Rsi), Ces-Uc, Club Rotários Gdm, Cmpporto, Coletivo Epifania, Cpcj Porto Oriental, Cre Appc, Cri Appc, Croagdm, Crowne Plaza Hotels, Cultura Em Expansão, Cura +, Dalai, Definemetro, Domus Social, E8g Cercarte E Cercarte No Lagarteiro, E8g Na Praça!, E8g Sinergi@S, Eapn Porto, Elisabete Monteiro, Empaco, Ervilha No Topo Do Bolo, Esc. Hotelaria E Turismo Do Porto, Escritório Contabilidade Areosa, Espaço Porto Cruz, Espaço T, Etiquetas

1598. Deste total, **97%** consideraram as atividades boas (30%) ou muito boas (67%), de acordo com o ranking de satisfação dos formulários de avaliação (muito boa, boa, suficiente, insuficiente, muito insuficiente). Indiretamente, o projeto envolveu mais de **44.000 pessoas**. A presença do projeto nas redes sociais, nomeadamente no Facebook e Instagram¹⁰, foi de extrema importância não apenas para a sua divulgação, mas sobretudo, para consolidar uma espécie de memória viva do processo.

A eficácia do projeto REDES é comprovada pelo fato de que as 23 atividades tenham cumprido, e muitas vezes superado, os resultados inicialmente previstos. REDES promoveu experiências positivas na capacitação de pessoas em formações artísticas e profissionais, que permitiram adquirir novas habilidades e conhecimentos. Foi também eficaz na criação e consolidação de um mercado comunitário em Campanhã, com 23 edições realizadas. Uma atividade sólida e verdadeiramente coletiva, que caminha para melhorar a produção e comercialização de produtos, alcançando mais expositores e visitantes a cada edição, e que já se estabeleceu como um lugar de encontro e partilha.

Medir a efetividade do projeto requereria mais tempo com monitorização mais aprofundada, para poder examinar se determinado grupo de participantes conseguiu manter no tempo os novos comportamentos, atitudes e aprendizados adquiridos no processo. Já se pôde verificar, no entanto, que algumas atividades, individuais e coletivas serão mantidas por iniciativa e motivação dos próprios envolvidos, e das entidades parceiras. Portanto, não parece precoce presumir que já existem benefícios e mudanças incorporados à realidade dessas pessoas.

O impacto mais importante observado no projeto foi a sua dedicação em articular pessoas, projetos e entidades entre as diversas intervenções territoriais. Fazendo jus ao nome REDES, a equipa criou parcerias e fortaleceu o

Pinto, Fajdp, Fcp, Filipa Rocha, Fios E Desafios (Re)Começar, Fios E Desafios Saas, Fpceup, Galerias Municipais Do Porto, Gip Arrimo, Gip Acad.j.moreira Da Silva, Gip Fajdp, Gip Jf Campanhã, Gipi Appc, Gonçalo Canto Moniz, Hotel Porto Bayflores, Iefp, Inatel, Incluir Asas Ramalde, Iniciação Desportiva S. Roque, Ipdj, Ivan Silva, Jessica Nicolich, Jf Bonfim, Jf Campanhã, Joana Martins, Joana Restivo, Joana Ribeiro, João F. Valente, João Paulo, Josefa Mané, Jrs, Labcenter, Lagartixa Park, Letícia Bassan, Malmequeres De Noêda, Maria Baptista, Maria De Fátima Sousa, Maria Rita Branco, Mariana Barbosa, Mediadores Interculturais Cmp, Mercado De Trocas, Miagc Rede Social Porto, Miraforum, Mycloma, Nalu Rossi, Natalia Khmil, Nau Vitória, Norte Vida Eq.rua, Nuno Teixeira, Nur Rabath Latif, O Meu Lugar Mundo, Ogi By Euskalduna, Os Viquingues Do B S.j.deus, Papéis&Cia., Patrícia Carvalho, Paula Ferreira, Primark, Psp Bonfim 3ª Esq., Psp Escola Segura, Ptlapse, Qpi, Raquel Rocha, Ricardinho, Rui Maia, Saidatina Kadhy Dias, Scmp, Soc. Columbófila Da Invicta, Sogevinus & Centuries Of Wine, Solsal, Sónia Prudêncio, Sport Com. Salgueiros, The House Hotel, Transformers, Ucc Campanhã E Bonfim, Univ. Porto, Univ.portucalense, Urbanat, Visões Úteis, Vítor Hugo, Vitória Baganha, Vo.u, 4o Mentores Voluntários.

9 Pela APPC: Filipa Luz, Isilda Bernardes e Isabel Rute Costa (coordenação). Pela Fios e Desafios: Ana Mendonça, André Sousa e Beatriz Lobo (as dinamizadoras Mafalda Mateus e Ana Rita Lopes foram incorporadas à equipa no último ano do projeto).

tecido associativo local, com poder de influência e irradiação. Algumas atividades precisariam de uma nova geração do projeto para poder ser reproduzidas, readequadas ou incorporadas por outra entidade. É o caso do *Empresário Mentor* nas escolas secundárias.

É notável o grande impacto que outras atividades tiveram antes mesmo do término do projeto, incorporadas por outras entidades ou servindo de embriões para novos projetos e iniciativas. O resultado positivo do *Duo Day*, por exemplo – com sua premissa em mudar a visão das empresas sobre a diversidade funcional e promover a inclusão – fez com que o seu modelo fosse prontamente adotado pela APPC.

A equipa conseguiu garantir a sustentabilidade de diversas atividades dos eixos 2 e 3, ampliando as parcerias e submetendo novos projetos paralelamente à execução do REDES. Desse modo, quatro novos projetos ganharam financiamento, foram iniciados e alguns até mesmo concluídos, antes do término do CLDS. A partir de um levantamento de necessidades realizado no âmbito do *Crescer saudável*, por exemplo, foi conseguido um apoio para a autonomização dos objetivos daquela atividade através do E.Motion.Arte. O financiamento (BPI “la Caixa” e Câmara Municipal do Porto) teve a duração de um ano durante o REDES, e poderá ser renovado.

O trabalho realizado com a comunidade cigana no âmbito do *Crescer +* resultou no ZHA!, um projeto autônomo desenvolvido paralelamente ao REDES, numa parceria entre a Fios e Desafios e o Visões Úteis, financiado pela Fundação Calouste Gulbenkian e La Caixa . Também com origem no *Crescer +*, o Projeto Entre ruas ganhou financiamento no âmbito do programa nacional Escolhas, cujo objetivo é promover a inclusão de crianças e jovens dos 6 aos 25, intervindo também com as famílias. O foco do projeto é organizado em torno de duas medidas: educação, formação e emprego; e dinamização comunitária e cidadania. Com duração de três anos, o projeto também prevê atividades intergeracionais. Desse modo, será

10 Na criação do perfil do projeto REDES no Facebook, o meu contributo foi defender a importância de desenvolver uma rede em torno do projeto, que não passasse apenas pela divulgação do mesmo, criando um plano de comunicação, definido os tipos de postagens e sua periodicidade.

possível não apenas manter as atividades com crianças e jovens, mas também incluir algumas das realizadas com idosos, como o *Coro dos Vizinhos*, ou *Ó Bizinho*.

Já o *Recados e Cia* foi reavaliado pela equipa e recebeu “um upgrade com o que nós achamos que poderia ser o rumo que era necessário dar a esta atividade”, dando origem ao projeto Pró-idoso. Contemplado no orçamento participativo da Junta de Campanhã, o Pró-idoso ganhou financiamento para ser executado por um ano. Com início previsto para o final deste ano, esse projeto promoverá acompanhamentos psicológicos e estimulação cognitiva a um grupo de idosos da freguesia. Com atividades de ocupação do tempo livre feita nos domicílios, e também com foco na sociabilidade e combate ao isolamento social, o projeto contará com uma vertente artística e outra desportiva.

Foi de extrema relevância o trabalho realizado pelo REDES no Bairro da Lomba. Com o impulso dado pela equipa, a associação local, antes mal vista pelos próprios moradores, passou por uma verdadeira reformulação, ou revolução, no sentido de sua capacitação. Para que o trabalho desenvolvido com aquela comunidade tenha continuidade a associação precisará manter a chama de relações e afetos que foi acesa no âmbito do REDES.

Outro impacto relevante, mas ainda precoce para ser medido, será a reabilitação do edifício do Espaço Todos no bairro do Cerco, que poderá ser novamente apropriado pela comunidade após décadas fechado. O projeto REDES conseguiu o uso deste edifício para servir de base para a equipa e para a realização de atividades no bairro, mas como mencionado anteriormente, em condições não ideais. Como pontuado por Cláudia Costa, “o espaço físico não é vital, mas é importante. Ter um espaço âncora, simpático, confortável, de portas abertas facilita (...). Não faz sentido nenhum os técnicos da área social andarem a fazer coisas que (seriam melhor feitas) num espaço daquele, com uma biblioteca...”

Quando questionada porque no Porto existem tão poucos espaços cívicos, verdadeiramente comunitários, ela defende: “Isso tem a ver com a descontinuidade das políticas públicas, ponto, mais nada. Não é por falta de experiência (...). Porque está mais que provado, quer cá, quer fora, que é fundamental esses espaços de



Imagem dos jovens
participantes do Crescer
+ na Associação de
moradores da Lomba.
FOTO DO ACERVO REDES

partilha, esses espaços onde as pessoas possam de fato aceder, conhecer...”

O verdadeiro impacto das atividades no que diz respeito às mudanças mais sutis de comportamento, se fez ouvir na voz dos participantes, já expostas nas páginas anteriores. Um exemplo emblemático é o caso relatado pela pessoa com deficiência que se viu reconhecida como uma pessoa normal.

Por vezes houve problemas intrínsecos a todos os projetos, como materiais ou equipamentos que não chegaram a tempo da sessão, o tempo passar mais rápido do que o previsto, o espaço não ser muito adequado para a realização da atividade, haver menos participantes do que o esperado ou desistências pelo caminho. Mas como ressaltado por um dinamizador, o que não estava num padrão “ideal” transformava-se “no ideal pelo comprometimento, dedicação, e respeito” dos responsáveis pelos espaços, dos dinamizadores, pelo “esforço da equipa do REDES, ou pela motivação do grupo”.

Em relação aos conteúdos e atividades do projeto, a perspectiva geral é que “foram cumpridos, e com qualidade”, apesar de poder ter gerado um certo esgotamento em alguns membros da equipa técnica. Faltam recursos humanos para que se possam alcançar resultados ainda mais positivos, sem chegar ao contrassenso de adoecer justamente quem está a promover mais saúde ao outro (seja esta do corpo físico, financeiro, familiar, de autoestima...). Relatos de dois membros da equipa, que alegaram ter sofrido burnout e depressão devido à pressão e sobrecarga de trabalho durante o projeto são alarmantes. Deveria ser evitável que adoçam os que se esforçam para ajudar outras pessoas em suas mazelas e necessidades. É fundamental, portanto, repensar o volume de trabalho, a quantidade de ações e atividades, a pressão por números a serem alcançados e, principalmente, o tamanho do território e da equipa. Tudo isso para que as tarefas possam ser melhor distribuídas e equilibradas. Afinal, estar com os ouvidos abertos para o outro, escutar o que o campo fala e agir de acordo com essa escuta, é um exercício de conduta ética e exige saúde.

Apenas uma atividade não atingiu o número de participantes previstos no plano de ação. O resultado abaixo do esperado da atividade *Sei+* foi interpretado pela técnica responsável como uma sobreposição de propósitos. Num período em que as equipas de RSI–Rendimento Social de Inserção mudavam de tutela, passando da Segurança Social para a gestão direta da Câmara Municipal, a adesão por parte destas equipas foi difícil, “à exceção da Associação Qualificar para Incluir –QPI que, no entanto, desenvolve também um projeto com os mesmos objetivos desta atividade. As expectativas relativas à adesão de participantes nas associações e coletividades da freguesia também ficaram muito abaixo do esperado.” A conclusão da equipa foi que as pessoas que frequentam os espaços dessas associações ou coletividades locais, quando o fazem, estão numa atitude de lazer. Portanto, não estão recetivas à abordagem da atividade, e por vezes não se encontram disponíveis para assumir certa fragilidade da situação pessoal entre vizinhos e conhecidos, num contexto público. Talvez a intenção de tratar dessas dificuldades em grupo não seja de fato estratégica.

Outra atividade que teve o impacto menor do que o esperado foi Re-confortar. Esta atividade pretendia “resolver problemas práticos em



Imagem dos participantes das atividades Casa da Avó e Coro dos Vizinhos no Bairro da Lomba.
FOTO DA AUTORA, 2022

domicílios de pessoas idosas e/ou com deficiência e incapacidade, que careciam de intervenção técnica, nomeadamente a realização de pequenas obras, reparações e adaptações”. O maior constrangimento detetado pela equipa foi o “hiato temporal entre sinalização e reparação” e a dificuldade em encontrar parceiros, devido à existência de “parcos projetos/respostas no âmbito da habitação”. A equipa acredita, no entanto, que as sessões realizadas tenham cumprido “com o objetivo de sinalização e encaminhamento de necessidades de reparação”, permitindo “uma visão mais holística dos problemas habitacionais encontrados na cidade do Porto”.

Por último, é possível que o maior impacto do projeto tenha sido em relação à maior emergência vivida neste período: restituir um pouco de paz e saúde mental, ajudar crianças, jovens, adultos e idosos na recuperação emocional e afetiva do pós-pandemia. Mostrar às pessoas, e a cada um dos envolvidos, que não estamos sós.

APRECIÇÃO

FORÇAS, FRAQUEZAS, OPORTUNIDADES, AMEAÇAS

Uma síntese da análise SWOT, realizada individualmente com cada membro da equipa técnica, apresenta visões divergentes sobre as principais fraquezas e ameaças do projeto, mas apresenta certa convergência em relação às suas forças e oportunidades.

A capacidade “de criar redes e pontes entre pessoas e entidades”, amplamente demonstrada no largo espectro de parcerias que foi constituído no decorrer dos três anos do projeto, foi detetada como a sua maior potencia. A principal força identificada foi o trabalho de proximidade realizado por toda a equipa, as relações estabelecidas e o reconhecimento dos técnicos pela comunidade. A importância desta proximidade reside em que é apenas a partir dela que se constroem as bases para o exercício de reinvenção das cidades, e da própria democracia local.

Uma das fraquezas identificadas como problemáticas pelos parceiros e dinamizadores foi a falta de assiduidade e de comprometimento dos participantes em algumas das atividades. Foram feitas observações como: “a falta de assiduidade por parte de alguns elementos do grupo de participantes foi um constrangimento”; “para as próximas atividades seria importante transmitir a importância da assiduidade”; “a quantidade de inscritos foi baixa e a assiduidade dos poucos inscritos foi instável, apesar de interessada, o que acabou também por transmitir um certo desanimo geral”.

Outro desafio foi no caso das atividades que precisavam de voluntários para a sua realização. Constatou-se que as maiores dificuldades, além da angariação de

peessoas realmente disponíveis, eram também “seu comprometimento ao longo do tempo e a oscilação de disponibilidades” – o que tornou essa resposta pouco sustentável, no que se refere à prontidão exigida pela situação de isolamento social das pessoas idosas. Houve de fato uma grande dificuldade em criar e estabelecer essas relações de suporte informal, ou de criar uma bolsa de voluntariado como era a intenção na atividade *Recados e Cia*, por exemplo.

A principal fraqueza identificada foi interna: a própria equipa técnica que, além de “pequena para um plano muito extenso, com muitas atividades e metas ambiciosas”, acabou dividida por eixos entre as duas entidades responsáveis. Isso pode ter gerado “uma certa competição” entre os técnicos por resultados. Competir ao invés de somar e partilhar conquistas, métodos e desafios ou criar mais espaço para o diálogo e reflexão sobre o trabalho feito, e o porvir. Assim, foram perdidas possibilidades de integração entre as atividades dos diferentes eixos vistas como complementares, dividindo também os participantes que poderiam estar mais alinhados. A riqueza de ter técnicos de diferentes áreas (gerontólogos, psicólogos, criminólogos, assistentes sociais...), com experiências e valências diferentes –mas que ficaram, de certa forma, condicionados aos respetivos eixos atribuídos a cada instituição– foi também visto como uma potência convertida em fraqueza: “não tivemos maturidade para sentir essa força na equipa”.

Na avaliação intermedia do projeto feita em julho 2022, a perceção geral entre a equipa era de que a divisão por eixos havia trazido perdas, mas também alguns ganhos. De certa forma “ajudou a equipa a fluir mais rapidamente”, por já estar reunida nos respetivos locais de trabalho (Fios e APPC). Ganhou-se “autonomização por parte das equipas, o que ajuda a focalizar os esforços”. O foco excessivo na tarefa e no cumprimento de números,

imposto pelo tipo de financiamento, acaba por afastar a reflexão do “como e porque estamos a fazer isso ou aquilo”. Isso ficou salientado nas vozes da equipa técnica: “Perdeu-se troca de experiências, oportunidade de aprender mais uns com os outros, o cruzamento entre as atividades” e talvez certo “espírito conjunto de compromisso com o projeto”. Por outro lado, “melhorou a relação, deu tranquilidade”, “apesar de estarmos todos separados, sabemos que podemos contar uns com os outros”. Também houve constatações mais negativas, como “não houve ganhos - apenas houve menos conflitos” – o que poderia, a meu ver, ser interpretado como um imenso ganho. Outro ponto de desconforto mencionado foi a diferença salarial entre os técnicos das duas instituições, algo que poderá ser discutido e redefinido numa próxima geração do projeto.

Se por um lado, a divisão da equipa contribuiu, em muito, na autonomia, que é essencial neste tipo de projeto, por outro deixou de explorar de forma mais assertiva a partilha de ideias e de boas praticas, de criar mais espaço para a troca e o crescimento coletivo. Sabemos, no entanto, que são muito desafiantes as relações humanas. Tratando-se de uma equipa, é fundamental, primeiramente, alinhar bem os valores, para que possa haver uma comunicação interna mais fluida. Para que seja possível seguir construindo juntos, mesmo com ideias divergentes, a partir de uma base sólida e comum.

As oportunidades elencadas foram várias: o território de intervenção, “muito rico, poroso e com imensas possibilidades”. “Situar nesse espaço onde não há outros atuando e preencher uma lacuna dentro do que existe na intervenção comunitária e poder olhar, escutar e estar com as pessoas, indo ao encontro delas”. Isso consequentemente “traz uma visão próxima da realidade, traz coerência”, além de “trazer à luz todo um potencial”, dando “visibilidade à riqueza já existente no território”.

Foi ainda identificado como uma oportunidade o Espaço Todos. Um local de encontro importante no centro do bairro do Cerco que, após passar pela reabilitação já em andamento, promovida pela Câmara Municipal, e sinalizada pelo REDES, poderá “ter o uso exponenciado numa próxima geração do projeto”.

As principais ameaças apontadas são relativas à continuidade do projeto, “a incerteza do que vai acontecer a seguir”. Acabando o período de financiamento do projeto, fica em suspenso: “morrem as redes sociais, as relações de confiança estabelecidas com a comunidade nesse interregno entre gerações?” É preciso trabalhar na sustentabilidade de algumas atividades, mas para isso são necessários novos formatos de financiamentos e políticas públicas. O vereador Fernando Paulo parece identificar a raiz do problema:

O problema é que o orçamento do estado vive há alguns anos muito dependente de fundos comunitários e, portanto, as políticas são ajustadas para serem enquadradas em financiamento comunitário. Portanto as regras vão mudando para ir acompanhando àquilo que são as exigências para obtenção de fundos (...). A área prestacional não pode ter fundos comunitários e, portanto, as prestações, as reformas, as pensões, o RSI, o complemento solidário para idosos, apoios sociais... isso tem que depender exclusivamente do orçamento do estado, que praticamente é absorvido por essas prestações obrigatórias. Não sobra dinheiro para outros instrumentos de políticas sociais e, portanto, ele tem que ser arranjado em fundos comunitários, em projetos, e daí a durabilidade deles. Mas isso tem mais a ver com a definição de políticas macro, estou a constatar, na minha opinião, aquilo que acontece. Agora se me perguntas se não deveria haver projetos mais dura-

douros, e que não estivessem dependentes de fundos comunitários e de regras que se vão alterando, é obvio que eu concordaria.

Antagonismos sempre existirão, ainda bem, pois é a partir da reação que podem emergir os pontos de convergência, os ajustes, as conciliações. Há certos antagonismos, porém, que parecem incontornáveis, como no caso no trabalho com as escolas. Se, por um lado, a equipa do projeto ajudou a criar novas metodologias, conteúdos e formatos que trazem temas e questões que as crianças e adolescentes geralmente não trabalham – nem mesmo os professores – por outro lado, foi comum ouvir dos professores que se sentiam sobrecarregados com o volume de projetos que precisavam atender. Concordavam que os projetos traziam ganhos, mas ao mesmo tempo os faziam perder parte do tempo que deveria ser dedicado às atividades previstas no currículo escolar. Isso, no entanto, não é algo que se resolve no escopo de um CLDS, mas fica apontada a importância de rever esses currículos, e quem sabe integrar algo da vasta gama de possibilidades que os projetos oferecem para a tão desejada transformação na educação pública.

Os resultados em pequena escala, em contextos específicos, como o escolar, são muitas vezes os mais comemorados pelos técnicos. Mas como se materializa, ou como se comunica isso? Comunicar não no sentido de divulgar, mas de “faze-lo comum”. Como é possível que outras pessoas, atuantes neste e noutros territórios, participantes diretos, indiretos ou até mesmo não participantes nesses projetos, possam apreender essas experiências? Talvez a ideia de criar uma espécie de manual, ou caderno de práticas e experimentos, que pudesse ampliar a escala e ser replicado e adaptado a outras turmas, em outros tempos e contextos, sem o envolvimento da equipa técnica, poderia ser algo

previsto, ao menos como consequência das atividades mais bem-sucedidas. Afinal, “a utopia do trabalho social é que ele deixe de ser preciso”; mas para isso, é fundamental que as boas práticas e experiências sejam sistematizadas e multiplicadas.

Qual seria o legado do REDES ao fim desses três anos? Uma possível resposta foi dada por um membro da equipa técnica: “Provar que o trabalho ‘em redes’, fazendo alusão ao nome do projeto, não é apenas possível, mas que vale a pena: juntar, articular recursos, perceber quem tem, quem não usa, como é que se faz... É o sentido da ideia de ‘comunidade de prática’, todos juntos, cada um oferecendo o que tem, em função de um objetivo comum”.

Um feito extraordinário foi ter garantido a sustentabilidade das ações antes mesmo do término do projeto, graças ao esforço e comprometimento da equipa em inscrever novos projetos para dar continuidade ao que foi iniciado no âmbito do REDES. Isso constitui um importante legado, não apenas pelo fator da continuidade, tão desejado quanto vital nesses processos, mas pelo exemplo que tal conquista informa aos futuros projetos de intervenção comunitária: se os financiamentos possuem hiatos temporais difíceis de superar, é crucial prever, no cronograma do plano de ação, um período para incubação de novas propostas e sua submissão em editais, orçamentos participativos e demais programas.

Na última das 23 edições do *Campmarket* realizadas no âmbito do REDES, em 7 de outubro 2023, os expositores fizeram uma reunião com a equipa técnica no meio da praça da Corujeira. A ideia foi dividir as responsabilidades e tarefas, organizando pequenos grupos para a realização da próxima e futuras edições do mercado, sem a equipa do REDES à frente.



Imagem dos participantes do Campmarket reunidos na última edição do mercado realizado pelo REDES. FOTO DA AUTORA, OUTUBRO 2023.

A reabilitação do Espaço Todos, sede do REDES no Bairro do Cerco, talvez possa vir a ser o maior legado “físico” do projeto. “Trata-se de um prédio originalmente projetado e construído para a sede de um clube desportivo e cuja utilização foi descontinuada”¹¹. Fechado há algumas décadas, foi cedido pela Câmara Municipal do Porto ao REDES desde o início, e abrigou a equipa técnica e inúmeras atividades.

Como noticiado pela Câmara, “a requalificação do Espaço Todos propõe-se a constituir um novo palco para os processos de participação e envolvimento dos moradores nas dinâmicas da cidade”¹². A Câmara tem um papel fundamental no destino deste edifício, dependendo da autonomia que dará à próxima gestão desse espaço, no

11 Ver em <https://www.porto.pt/pt/noticia/camara-lanca-concurso-para-reabilitar-espaco-todos-no-bairro-do-cerco>

12 Idem

sentido de promover a continuidade e ampliar a programação e as relações com a comunidade estabelecidas pelo REDES. Como teoriza Montaner¹³

Definitivamente, a história recente das cidades nos mostra que elas avançam socialmente quando as necessidades, as críticas e as propostas dos movimentos urbanos encontram administrações municipais democráticas, transparentes e sensíveis à participação, que as aceitam e fazem com que sejam possíveis dentro das coordenadas da normativa e do financiamento público. Sem essa sintonia e cumplicidade entre a gestão municipal e os agentes sociais não é possível progredir.

Se haverá sintonia e cumplicidade, se será um espaço genuinamente comunitário exalando potência – ou se esta será abafada – é algo que já veremos. O que fazer enquanto a nova sede não vem? A utopia de uma dinamizadora é tão simples quanto potente: “levar as propostas do projeto REDES para os espaços de sociabilização no Bairro, seja no mercado, no café, nos bancos dos jardins, nos autocarros ...”

Embora pareça haver consenso sobre a urgência e a necessidade em engajar os cidadãos no processo de planeamento participado das políticas públicas, é fundamental promover uma mudança estrutural nos modos de relação e mediação entre o poder público e as comunidades alvo de intervenção. A experiência do projeto REDES aponta possíveis caminhos para essa mediação, e isso é uma grande conquista da equipa nestes três anos. Formas de gestão, mediação, práticas e métodos desenvolvidos no projeto possuem enorme potencial para serem multiplicados a nível local, nacional, e transnacional, principalmente no que se refere a essa capacidade de abertura que o projeto demonstrou em tecer redes firmes de parceria e experimentar novos modos de fazer.

¹³ Ver em Josep Montaner “Política e Arquitetura. Por um urbanismo do comum e ecofeminista”, 2021, p.177).



Imagem da proposta de reabilitação do Espaço Todos impulsionada pelo REDES, projetada pelos arquitetos da Merooficina, que venceram o concurso público lançado pela Câmara Municipal do Porto¹⁴.

Esta foi uma das virtudes do projeto amplamente reconhecida pelos representantes da Câmara Municipal do Porto, cujas falas se entrelaçam nesse ponto: “O REDES conseguiu alavancar uma série de parceiros. O modelo de governança foi inovador (...) a liderança também foi ótima, ter como coordenadora alguém que sabe estar, sabe ouvir, é uma pessoa que interpreta bem novos desafios. “Aliás foi um bocadinho difícil encontrar a entidade parceira que pudesse ser a entidade promotora do projeto, porque de fato a freguesia não tem muitas instituições vocacionadas para esta intervenção comunitária”. “A APPC é inovadora, é raro a instituição da área da deficiência que pega num projeto destes. Isso é um salto qualitativo na gestão do IPSS [Instituições particulares de solidariedade social], não são muitas que estão nessa lógica”.

¹⁴ Ver em <https://www.porto.pt/pt/noticia/camara-lanca-concurso-para-reabilitar-espaco-todos-no-bairro-do-cerco>

CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

Para uma próxima geração do REDES avalia-se como primordial uma maior integração entre as diferentes atividades do projeto. A equipa está alinhada em relação ao que já foi conseguido nos primeiros três anos e poderá ser mantido, e o que precisa ser reavaliado e transformado. Repensar as atividades e desenhar um novo plano de ação junto às comunidades, de modo mais próximo dos participantes, buscando contemplar o que faz mais sentido para eles nos contextos específicos. “Um plano de ação simplificado, com atividades integradas, com possibilidade de juntar, por exemplo, duas ou três atividades numa só”, “algo mais abrangente e menos específico, diminuindo esforços e ampliando o alcance e fluidez.”

As atividades do REDES que se abriram para uma experiência intergeracional ganharam em diversidade e partilha de saberes, como foi o caso do *Dá tempo* e das últimas oficinas do *Capacitarte*. É preciso “rever limites e critérios para incluir ou não incluir participantes”, algo apercebido tanto como “impeditivo na intervenção comunitária”, quanto redutor do seu alcance.

Talvez seja fundamental, como sugerido pela própria equipa, “pensar ações não sobre a ótica das atividades, mas dos contextos”, para que seja, genuinamente, “um plano mais focado nas pessoas do que em números”. A questão geográfica e a amplitude do plano de ação do CLDS levantam reflexões também por parte da CMP, como elaborado por Cláudia Costa:

O que fazer quando se tem que atuar em territórios tão vastos e tão diferentes quanto Bonfim e Campanhã, que por sua vez já contêm em si tantas especificidades diferentes? Tem que se afinilar e tomar uma decisão de prioridades, não há outra solução. Queres priorizar públicos, queres priorizar locais?

Queremos diminuir o absentismo escolar, o isolamento? Isso também está muito preso às emanções do programa, porque se o programa te diz que tu tens que intervir no empreendedorismo, nos jovens, idosos, crianças... ou vamos a todas e centramos num território específico?

“Delimitar melhor o território” é algo unânime. “Aumentar a equipa técnica” também, “com pessoas que gostam de estar no terreno”, incorporando “mediadores das próprias comunidades”. Organizar e gerir processos e recursos humanos de forma a investir menos tempo e energia em burocracias desnecessárias e mais tempo em partilhas, “para sentar e refletir sobre o que se está a fazer”. Criar novas formas de comunicação e divulgação do projeto e das atividades para minimizar “a dificuldade de mobilização de participantes”. “Repensar a questão do voluntariado”, seja no sentido da dificuldade do recrutamento, seja na exigência dos objetivos a cumprir: “pelo perfil dos participantes”, há voluntários que não podem fazê-lo “sem uma especialidade”. É crucial ampliar “a consciencialização sobre a importância das redes de relações e suporte informal”.

O que fica quando REDES finaliza em outubro 2023? “Fica o conhecimento muito profundo de Campanhã, uma visão muito clara do território e das pessoas”, a consciência da importância “de estreitar parcerias, trabalhar virado pra fora, pegar a ponta que o outro deixou e seguir”. Fica “a ativação de recursos estabelecida com outros projetos e entidades no território”; “a capacidade de adaptação aos diferentes contextos”; “a abordagem da proximidade”, “a importância de sair dos contextos formais”. Fica também “um conjunto de metodologias e boas práticas que podem ser replicados em outros contextos”. Sobretudo, fica a ligação às pessoas, que possivelmente “se lembrarão de nós não pelas ações que fizemos, mas pelas relações que criamos”.

É sabido que os projetos sociais são financiados e que os financiadores precisam de números e evidências. É também sabido, que é mais fácil contar o número de participantes numa atividade do que propriamente perceber junto daquelas pessoas o que aquela experiência trouxe para elas. No entanto, é fundamen-

tal encontrar novas maneiras de simplificar, apostando mais na autonomia dos envolvidos e na informalidade dos processos. Ter uma visão mais ampla, experimental, generosa e próxima da realidade.

Desse modo, seria possível fomentar não apenas projetos, mas também valorizar o trabalho de intervenção comunitária. É urgente que este trabalho seja reconhecido pelo que de fato é: processual e preventivo. Algo permanentemente mantido e melhorado, e que apenas finaliza para outra etapa começar. É fundamental atentar para que esses processos não se precarizem a ponto de que os seus principais responsáveis, a equipa técnica que atua no território, se desmotive ou se dissipe sem garantir a sua continuidade. No caso do REDES, o aproximar da sua conclusão gerou uma sensação convergente na equipa: “uma pena, pois é agora que estamos a começar”.

Pois sim, chegou-se ao início de uma nova etapa. Nesta que chegou ao fim, considera-se que foi plenamente realizado o proposto em relação às metas e aos indicadores. A equipa técnica obteve reconhecimento e estreitou laços com a comunidade, consolidando uma importante rede de parcerias. Desse modo, fica latente a necessidade de dar continuidade a este trabalho, embora seja desejável fazer uma pausa para reflexão, para a reestruturação da equipa e dos planos futuros, e assim poder recomeçar. Como foi dito, “o terreno está lavrado, o trabalho está maduro e pronto para ser ressemado”.

No último mês do projeto, enquanto este relatório é finalizado, o diálogo com as pessoas envolvidas no REDES confirma que a preocupação comum é mesmo com a sustentabilidade do processo, como elaborado por Cláudia Costa:

A questão dos timings e das obrigatoriedades das candidaturas é um problema que eu acho que continuamos sem saber lidar. Por exemplo, fizemos candidaturas ao PRE no início do ano passado e só agora [final de setembro 2023] é que estamos a conseguir executá-las. Porque, de fato, nós acabamos por ter uma máquina burocrática

muito pesada. Neste momento estamos a insistir bastante com o governo central para nos dizer quando é que podem avançar outros CLDS, ou manter a continuidade de alguns, ou garantir que os aspetos positivos que eles alavancaram, alguém venha a tomar conta deles. De fato nós não temos que dar continuidade a tudo, são projetos com começo, meio e fim, mas temos que ter a capacidade de perceber que algumas coisas, que de fato foram tão estruturantes na vida daquela comunidade, não podem parar, tem que ser incorporadas noutras iniciativas.

O vereador Fernando Paulo também enfatiza a importância de prosseguir nesta caminhada:

Esse não é um ponto de chegada, é um ponto de caminho, o financiamento terminou, mas eu diria que é um ponto do caminho em que conhecemos melhor o território, conhecemos melhor as situações, e de certa forma temos mais problemas do que no início, né? Pois conseguimos traçar novos diagnósticos e trouxemos mais gente para o palco e iremos dar visibilidade àquilo que é necessário fazer – o que nos responsabiliza mais a continuarmos a investir no território, com novas medidas, novos programas para a mobilização e a participação. Porque o processo em si, eu diria, é ainda mais importante do que aquilo que são os resultados concretos, porque foi o processo é que esteve a trabalhar com pessoas, com técnicos, e muitas dessas pessoas sentiram que mudaram a sua vida, mudaram a sua forma de ser e estar, sentiram-se pessoas de fato mais envolvidas, mais inseridas. E tudo isso criou um movimento que é interessante do ponto de vista da participação. Sobretudo, também trouxe, através da intervenção dos técnicos, das formações diversas e daquilo que foram fazendo, também trouxe aqui massa crítica que esse território precisava, e precisa, por isso tem que continuar.

A “massa crítica” que se vai formando em torno desses projetos talvez seja o seu maior legado. Como bem observado por um parceiro do projeto, “a população mais vulnerável está mais

suscetível de ficar à margem e esta intervenção vem ajudar a desenvolver capacidades necessárias à sua integração”. O vereador Fernando Paulo também ressaltou esse ponto: “Tem que haver mais sociedade e menos estado às vezes, também não pode ser o estado a estar em tudo. (...) Isso tem a ver com as pessoas, com o entendimento da forma de ser e de estar, como cidadão, e de certa forma, sua quota de coresponsabilização por aquilo que lhe compete fazer”.

Nesse emaranhado de coresponsabilidades, a do projeto REDES foi também manter viva essa “chama cívica”, ao criar espaços de partilha que acolheram as diferentes agendas e prioridades. Talvez este seja um caminho possível para poder chegar a certos consensos. Pelo menos entre os cidadãos dispostos a participar e a exigir melhores políticas – e que também estejam disponíveis para dar o exemplo.

Ao fim deste relatório de avaliação, espera-se que este documento tenha criado as bases necessárias para a compreensão das dinâmicas internas e externas do processo, e demonstrado que transformações sociais foram alcançadas nesta primeira intervenção do REDES. Do mesmo modo, que tenha ficado evidente a intenção de não focalizar apenas nos resultados deste projeto e suas atividades, mas também em contribuir para uma reflexão mais abrangente sobre os projetos de intervenção comunitária e sua capacidade de construir políticas públicas.

De acordo com definição da ONU (1984), a avaliação é um processo que se destina a determinar sistematicamente e objetivamente a pertinência, eficácia, eficiência e impacto de todas as atividades em andamento e auxiliar a gestão no planeamento, programação e decisões futuras. Confiante de que esta tenha sido a minha contribuição ao projeto, concluo este relatório com o desejo de que este atenda, pelo menos em parte, ao desafio que me foi atribuído pela equipa: que fosse verdadeiro, que incluísse as vozes dos participantes, que pudesse servir como um documento que melhora outros processos, e a cada um dos envolvidos nestas REDES.

ANEXO RESUMO DAS ATIVIDADES

Resumo das atividades do REDES CLDS 4G, com os 4 eixos, 23 atividades, e impacto do projeto sistematizados pela equipa técnica.

EIXO 1:

Emprego, Formação e Qualificação

Taxa de concretização: 109%

Nº de participantes diretos: 454

Nº de pessoas envolvidas: 39.456

Nº de atividades: 8

OBJETIVOS:

- Favorecer os processos de integração profissional, social e pessoal dos desempregados
- Sensibilizar os empresários, as instituições e as entidades empregadoras locais para uma participação ativa na concretização de medidas ativas de emprego e em processos de inserção profissional e social
- Contribuir para a sinalização, encaminhamento e orientação de alunos que abandonam ou concluem o sistema educativo, no sentido de desenvolver ações de favorecimento da integração profissional
- Desenvolver ações que estimulem as capacidades empreendedoras dos alunos do ensino secundário, numa perspetiva de reforço da iniciativa, da inovação, da criatividade, do gosto pelo risco e que constituam uma primeira abordagem à atividade empresarial

#	ATIVIDADE	DESCRIÇÃO	NÚMEROS	IMPACTO
1	Vou + Longe	Oficinas de desenvolvimento de competências básicas (leitura, escrita, cálculo e TIC) dirigidas a adultos desencorajados do mercado de trabalho e realizadas em diversos espaços de entidades do território, em proximidade com as equipas de RSI e outras parcerias. Os voluntários Maria de Fátima Sousa e Celso Gomes, cuja colaboração e experiência na educação não-formal de adultos, transformaram estas oficinas em oportunidades de desenvolvimento e crescimento pessoal, aproveitando as motivações e as experiências dos participantes, para com eles explorarem uma mais ampla capacitação. Muitas pessoas, depois de frequentarem estas oficinas, foram por sua vontade encaminhadas para a qualificação formal (Centros de Formação Profissional) e algumas terminaram, com sucesso e orgulho, essas qualificações. Outras encontram-se a aguardar formação profissional.	73 pessoas envolvidas 74 sessões realizadas 2 professores voluntários 11 entidades parceiras	Criação e manutenção de relações interpessoais Promoção de rotinas de sociabilização Consolidação de conhecimentos teórico-práticos Compromisso com a aprendizagem ao longo da vida
2	Sei +	Sessões individuais e grupais nos vários espaços das associações e coletividades locais, com o objetivo de informar sobre medidas ativas de emprego ou oportunidades de inserção em instituições e empresas locais. Divulgação de oferta de emprego e oportunidades formativas, através das redes sociais do projeto. Articulação com os Gabinetes de Inserção Profissional do território para encaminhamento e acompanhamento de pessoas em situação de desemprego. Trabalho de complementaridade com outras respostas sociais e projetos de emergência para pessoas sem abrigo.	80 pessoas envolvidas 28 sessões realizadas (coletivas e individuais) 17 entidades parceiras	Informar e orientar com maior proximidade Reforço da rede local de recursos (espaços e equipamentos) Intervir de forma complementar entre serviços (abordagem holística) + Atendimentos para pessoas à procura do 1º emprego

3	Famílias Empreendedoras	<p>Apoiar o enquadramento de projetos de autoemprego e de empreendedorismo nos diferentes programas e instrumentos de apoio, promovendo o encaminhamento dos interessados para o apoio técnico, com particular enfoque para mulheres e mães cuidadoras, em situação de desemprego. Parceria com GIPs de Campanhã, Bonfim e outros projetos locais para a identificação de necessidades. Articulação com o Centro de Emprego e Formação Profissional do Porto para a realização de sessão sobre medidas de apoio ao empreendedorismo. Identificação, através de diagnóstico de necessidades, junto de participantes no Campmarket e realização de workshops de capacitação para o desenvolvimento do próprio negócio.</p>	<p>15 pessoas envolvidas 5 workshops realizados 3 dinamizadores 7 entidades parceiras</p>	<p>Reconhecimento do potencial de desenvolvimento</p> <p>Estabelecimento de novas redes de contactos</p> <p>Ajuste de expectativas individuais aos mecanismos de apoio</p> <p>Escolhas + informadas</p>
4	Campmarket	<p>Mercado informal e comunitário de Campanhã, realizado uma vez por mês e envolvendo artesãos, produtores agrícolas e artistas de Campanhã e Bonfim. Realizado desde outubro de 2021, o mercado inicialmente aconteceu no Lagartixa Park, transitando para a Praça da Corujeira em novembro de 2022. Este mercado favorece as trocas como instrumento de valorização do trabalho, do saber, da cooperação e da criatividade local, estimulando-se práticas sociais e solidárias em detrimento do lucro e onde a criação de riqueza passa por estimular a produção local, de modo a beneficiar diretamente este território e os/as seus/suas residentes. Associado ao mercado, promove-se um espaço de trocas para crianças e jovens e, ainda, um mercado de trocas de vestuário, associado à rede nacional de mercado de trocas.</p>	<p>38 participantes envolvidos 23 mercados realizados 8 voluntários 23 parceiros</p>	<p>Criação de rede de artesãos e produtores locais não formais</p> <p>Reconhecimento de talentos locais</p> <p>Desenvolvimento de novas competências com potencial de criação do próprio negócio</p> <p>Estabelecimento de laços solidários e de interajuda</p>

5	Duoday	Diversas entidades empregadoras locais acolheram, por um dia, uma pessoa com deficiência ou incapacidade, desempregada, ou um/a jovem que abandonou o sistema educativo ou que tendo terminado o ensino obrigatório se encontrava em situação de desemprego. Este acolhimento resultou em duetos com profissionais voluntários/as. Os locais Duoday foram selecionados de acordo com os interesses dos/as participantes. A disponibilidade das instituições e empresas possibilitou experiências determinantes para a reconstrução de projetos de vida.	93 pessoas envolvidas 46 experiências DUODAY 26 entidades empregadoras locais	Oportunidades de descoberta de qualidades e competências profissionais Promoção do contacto com diferentes tipos de diversidade funcional Promoção da inclusão no mercado de trabalho Reconstrução de projetos de vida
6	Capacitar-te	Dinamização de oficinas artísticas (música, mixagem, teatro de improviso, escrita criativa, muralismo/graffiti, artes circenses e outras, dirigidas a jovens à procura de emprego. A arte assume um veículo para proporcionar novas experiências e aprendizagens, que potenciem a redefinição dum projeto de vida inclusivo. As oficinas artísticas ocorreram em diversos espaços do território, nomeadamente Espaço Todos (Cercos), Jubilant Relax, Junta de Freguesia do Bonfim, ATravessa, Iniciação Desportiva de São Roque, Benéfica e Previdente e APPC, com o envolvimento de parceiros especialistas no domínio artístico.	112 pessoas envolvidas 27 oficinas realizadas 22 dinamizados envolvidos 7 entidades parceiras	Oportunidades de relacionamento interpessoal Orientação e encaminhamento para oportunidades de emprego e/ou qualificação profissional Valorização das competências e talentos dos jovens Criação de nova associação juvenil no campo das artes
7	Bootcamp para o empreendedorismo	Programa de capacitação para o empreendedorismo, dirigido a estudantes do 12.º ano dos Agrupamentos de Escola do Cerco e de Alexandre Herculano. O programa, dinamizado pelo Movimento Transformers, foi organizado em oito workshops, um concurso de ideias & mentoria terminando num evento final de celebração e apresentação de resultados. O abandono animal, o racismo e a xenofobia, o isolamento de pessoas idosas, a desflorestação e a violência no namoro, foram as problemáticas identificadas para, a partir da experiência dos jovens, cada grupo criar e apresentar "ideias para salvar o mundo"	24 jovens envolvidos/as 21 sessões realizadas 2 agrupamentos de escolas 7 entidades parceiras	Reforço de processos de autoconhecimento dos jovens Reforço da participação cívica dos jovens na comunidade local Promoção de uma "escola aberta" à comunidade Desenvolvimento de competências de ativismo social

8	Empresário mentor	<p>Programa de mentoria para alunos de ensino secundário. Foi criada uma bolsa de profissionais voluntários de diversas áreas para mentorar jovens alunos do ensino secundário do Agrupamento de Escolas do Cerco e Alexandre Herculano, com o objetivo de os apoiar ao nível das competências operacionais práticas, como a construção de CV, descobertas vocacionais, entre outras. A seleção dos/as estudantes e mentores/as, o “matching” e o acompanhamento das mentorias, esteve a cargo da equipa técnica do CLDS, em articulação com as escolas secundárias parceiras.</p>	<p>40 mentores/as 72 estudantes 34 mentorados 93 encontros realizados 18 entidades parceiras</p>	<p>Apoiar os jovens na descoberta de interesses, competências e talentos</p> <p>Promover o contacto com profissões e contextos profissionais diversos</p> <p>Sensibilizar mentores para uma participação mais ativa na integração profissional dos jovens</p>
---	--------------------------	--	--	---

EIXO 2:

Prevenção familiar e parental preventiva da pobreza infantil

Taxa de concretização: 202%

Nº de participantes diretos: 650

Nº de pessoas envolvidas: 702

Nº de atividades: 6

OBJETIVOS:

- Promover ações dirigidas, prioritariamente, aos agregados familiares de baixos rendimentos com crianças, com o propósito de os apoiar em processos de qualificação familiar, designadamente os que propiciam a informação sobre os seus direitos de cidadania, o desenvolvimento de competências dos respetivos elementos e de aconselhamento em situação de crise;
- Promover ações dirigidas prioritariamente aos agregados familiares de baixos rendimentos com crianças, com o propósito de os apoiar na mediação dos conflitos familiares, em articulação com as equipas que intervêm com as famílias e/ou as suas crianças, promovendo a proteção e promoção dos direitos das crianças e jovens
- Promover ações de mobilização das crianças e jovens, em especial as que pertencem a agregados de baixos rendimentos, promovendo estilos de vida saudáveis e a integração na comunidade, nomeadamente através da participação deste em ações nos domínios da saúde, do desporto, da cultura e da educação para uma cidadania plena.

#	ATIVIDADE	DESCRIÇÃO	NÚMEROS	IMPACTO
9	Família +	Oficinas de desenvolvimento de competências básicas (leitura, escrita, cálculo e TIC) dirigidas a adultos desencorajados do mercado de trabalho e realizadas em diversos espaços de entidades do território, em proximidade com as equipas de RSI e outras parcerias. Os voluntários Maria de Fátima Sousa e Celso Gomes, cuja colaboração e experiência na educação não-formal de adultos, transformaram estas oficinas em oportunidades de desenvolvimento e crescimento pessoal, aproveitando as motivações e as experiências dos participantes, para com eles explorarem uma mais ampla capacitação. Muitas pessoas, depois de frequentarem estas oficinas, foram por sua vontade encaminhadas para a qualificação formal (Centros de Formação Profissional) e algumas terminaram, com sucesso e orgulho, essas qualificações. Outras encontram-se a aguardar formação profissional.	73 pessoas envolvidas 74 sessões realizada 2 professores voluntários 11 entidades parceiras	Criação e manutenção de relações interpessoais Promoção de rotinas de sociabilização Consolidação de conhecimentos teórico-práticos Compromisso com a aprendizagem ao longo da vida
10	Crescer +	Ações de promoção de participação ativa e igualdade de oportunidades, com foco nas crianças e jovens. Foram utilizadas metodologias de educação de rua, educação informal e metodologias artísticas, tendo sido estabelecidas parcerias com entidades culturais. Destes processos resultaram apresentações públicas musicais, exposições, criação de clubes de cinema e espaços de encontro e participação.	120 pessoas envolvidas 115 participantes diretos 88 sessões realizadas 6 entidades parceiras	Criação de dois novos projetos autónomos: Projeto ZHA! e Entre Ruas E9G Valorização do património cultural e artístico das comunidades Maior envolvimento nas comunidades Desenvolvimento de competências pessoais e sociais

11	Oficinas + igual	Oficinas para a promoção de comportamentos inclusivos, relacionados com a igualdade de género, a prevenção da violência, bullying e que permitiram o desenvolvimento de competências pessoais e sociais, o aumento de fatores protetores e a promoção de valores de igualdade, participação e cidadania e comportamentos de não discriminação e não-violência, nos contextos familiar, escolar e comunitário. Foram desenvolvidos projetos de sensibilização dos temas abordados, cocriados pelas crianças e jovens nas escolas e nas comunidades: exposições, manifestações, livros, músicas, espetáculos de teatro.	202 pessoas envolvidas 192 participantes diretos 110 sessões realizadas 5 entidades parceiras	Desenvolvimento de competências nos profissionais educativos Aumento do compromisso entre ações escolares e comunitárias Envolvimento da comunidade escolar nas temáticas abordadas Desenvolvimento de competências pessoais e sociais
12	Salto Alto	Sessões de empoderamento de mulheres, para uma cidadania mais ativa, focada no papel da mulher nas diferentes dimensões da vida. Os grupos foram dinamizados com recurso a metodologias informais, de co-construção e artísticas, em estreita relação colaborativa com a PELE Associação Social e Cultural e a MyCloma. Na atividade foram desenvolvidas exposições dos retratos das participantes, venda de tote bags costuradas pelo grupo e dinamizada uma sessão fotográfica editorial.	54 pessoas envolvidas 46 participantes diretos 105 sessões realizadas 4 entidades parceiras	Empoderamento feminino Combate à discriminação de género Desenvolvimento de redes de suporte feminino
13	Quando eu for grande	Sessões de promoção de competências de empreendedorismo na infância, dirigido a crianças do 1.º ciclo e desenvolvidas em contexto escolar e comunitário. Partindo de metodologias participativas e de co-construção, foram delineados, pelos participantes, projetos de ativismo, associados às necessidades prementes na comunidade e na escola. No âmbito da exploração vocacional, foram promovidos contactos com múltiplas profissões, tendo em conta os interesses dos participantes, desde bombeiros, polícias, engenheiros, arquitetos, médicos veterinários, enfermeiros e muitos outros profissionais do território.	63 pessoas envolvidas 60 participantes diretos 35 sessões realizadas 8 entidades parceiras	Promoção do empreendedorismo na infância Exploração vocacional das crianças do 1.º ciclo Envolvimento na escola e na comunidade

14	Crescer saudável	Ações de educação para a saúde e de promoção de comportamentos e hábitos de vida saudáveis, dirigidas a crianças do 1.º e 2.º ciclo. Para além de temáticas relacionadas com a alimentação saudável, uso de medicamentos, reciclagem, foi dado um especial enfoque às questões relacionadas com a saúde mental, tendo sido promovidas sessões de desenvolvimento de competências socioemocionais, através de metodologias artísticas.	212 pessoas envolvidas 206 participantes envolvidos 181 sessões realizadas 6 entidades parceiras	Criação de projetos autónomos relacionados com a promoção da saúde mental: E.Motion.Arte Aumento do compromisso entre ações escolares e comunitárias Aumento da literacia na saúde Adoção de comportamentos mais saudáveis e ajustados
----	-------------------------	---	---	---

EIXO 3:

Promoção do envelhecimento ativo e apoio à população idosa

Taxa de concretização: 172%

Nº de participantes diretos: 252

Nº de pessoas envolvidas: 387

Nº de atividades: 7

OBJETIVOS:

- Promover ações socioculturais que promovam o envelhecimento ativo e a autonomia das pessoas idosas;
- Promover ações de combate à solidão e ao isolamento
- Proporcionar o desenvolvimento de projetos de voluntariado vocacionados para o trabalho com populações envelhecidas.

#	ATIVIDADE	DESCRIÇÃO	NÚMEROS	IMPACTO
15	Coro dos vizinhos	Oficinas de desenvolvimento de competências básicas (leitura, escrita, cálculo e TIC) dirigidas a adultos desencorajados do mercado de trabalho e realizadas em diversos espaços de entidades do território, em proximidade com as equipas de RSI e outras parcerias. Os voluntários Maria de Fátima Sousa e Celso Gomes, cuja colaboração e experiência na educação não-formal de adultos, transformaram estas oficinas em oportunidades de desenvolvimento e crescimento pessoal, aproveitando as motivações e as experiências dos participantes, para com eles explorarem uma mais ampla capacitação. Muitas pessoas, depois de frequentarem estas oficinas, foram por sua vontade encaminhadas para a qualificação formal (Centros de Formação Profissional) e algumas terminaram, com sucesso e orgulho, essas qualificações. Outras encontram-se a aguardar formação profissional.	73 pessoas envolvidas 74 sessões realizadas 2 professores voluntários 11 entidades parceiras	Criação e manutenção de relações interpessoais Promoção de rotinas de sociabilização Consolidação de conhecimentos teórico-práticos Compromisso com a aprendizagem ao longo da vida

16	Ó Bizinho!	<p>Combate ao isolamento e à solidão de pessoas idosas, através de atividades culturais, de base participativa e comunitária, promotoras de convívio. A auscultação dos interesses e expectativas dos participantes constituíram a base para a definição das atividades, entre as quais os Bailes Comunitários, as tardes de jogos e convívio, as sessões de dança, a Festa de Outono, o Cruzeiro das 6 pontes, a ida ao Circo, a participação no Festival RUA do Movimento Transformers, as visitas à Quinta de Santo Inácio, ao Parque de Serralves, ao museu do carro elétrico, ao Estádio do Dragão, ao Sealife, às Caves Calem e à Praia da Aguda.</p>	<p>63 pessoas envolvidas 59 participantes diretos 24 sessões realizadas 3 entidades parceiras</p>	<p>Criação e manutenção de relações sociais</p> <p>Promoção do envelhecimento ativo e saudável</p> <p>Oportunidades de sociabilização e combate ao isolamento social</p> <p>convivemos outras pessoas.</p> <p>Promoção de experiências sociais e culturais diversificadas</p>
17	Dá Tempo	<p>Ação de voluntariado intergeracional, após a identificação de um conjunto de potenciais participantes, bem como de entidades promotoras de voluntariado. Foram realizadas sessões preparatórias de acolhimento e acompanhamento do programa de voluntariado. Os participantes realizaram voluntariado no âmbito do cuidado da horta, da criação de manualidades, partilha de histórias de vida, realização de atividades lúdicas, jogos tradicionais, pintura, desenho e escrita, também com alunos em contexto escolar.</p>	<p>27 pessoas envolvidas 10 participantes diretos 33 sessões realizadas 3 entidades parceiras</p>	<p>Partilha do património cultural das pessoas idosas</p> <p>Sentimento de pertença e utilidade dos participantes</p> <p>Promoção do envelhecimento ativo e saudável</p> <p>Promoção de relações intergeracionais</p>
18	Casa d'Avó	<p>Sessões intergeracionais a partir da identificação das necessidades, expectativas e interesses dos participantes, tendo sido criados diferentes grupos com as seguintes iniciativas: partilha de gostos musicais e vivências recorrendo à música, culminando na apresentação na Arca de Natal no Porto; troca de correspondência intergeracional; sessões sobre a interculturalidade e direitos humanos, favorecendo o diálogo intercultural entre diferentes gerações, que culminou na Exposição "A Interculturalidade aos olhos da criança"; dinamização de sessões temáticas tais como: jogos tradicionais; boccia; grafiti; culinária; ritmos tradicionais ciganos e música tradicional portuguesa.</p>	<p>47 participantes envolvidos 27 sessões realizadas 4 entidades parceiras</p>	<p>Combate aos estereótipos associados aos dois grupos de intervenção</p> <p>Promoção da sociabilização, empatia e relações entre participantes</p> <p>Desenvolvimento e consolidação das potencialidades dos participantes</p>

19	Recados e Cia.	Através da realização de visitas domiciliárias e acompanhamento na comunidade a pessoas idosas e pessoas com deficiência, pretendeu-se promover a autonomia e a participação comunitária dos envolvidos, bem como a redução do isolamento social sentido. O processo ancorou-se no envolvimento voluntário de jovens, que disponibilizavam o seu tempo para acompanhar e apoiar os participantes, procurando atingir os objetivos propostos na atividade, bem como as necessidades individuais de cada pessoa, partindo, sempre que possível, de metodologias de envolvimento comunitário.	45 pessoas envolvidas 36 participantes diretos 428 sessões realizadas 5 entidades parceiras	Visão holística sobre a problemática do isolamento social Respostas específicas para necessidades individuais Criação de um projeto autónomo: Pro_Idoso
20	(Re) confortar	Resolver problemas práticos em domicílios de pessoas idosas, com deficiência e incapacidade que careçam de intervenção técnica, nomeadamente na realização de pequenas obras, reparações e adaptações. A atividade foi um meio de identificação de necessidades habitacionais e encaminhamento das mesmas para entidades que avaliam estas necessidades e realização das reparações. Ao longo do tempo de execução, foi possível a criação de diversas parcerias com entidades, voluntários e associações, que permitiriam a agilização dos processos e a realização das intervenções nos domicílios dos participantes. Estas intervenções resultaram numa melhoria da qualidade de vida, da confiança e segurança dos participantes.	27 pessoas envolvidas 5 entidades parceiras 13 participantes diretos	Visão mais holística dos problemas habitacionais encontrados na cidade do Porto Resolução de necessidades práticas na vida dos participantes
21	Cuidar +	Sessões de capacitação de voluntários/as, de familiares/cuidadores informais, no âmbito da prestação de apoio direto e do cuidado informal a pessoas com dependência de 3ª pessoa. Grupos dinamizados com metodologias participativas, tendo por base as necessidades auscultadas junto dos participantes, numa perspetiva de envolvimento contínuo na construção da atividade.	120 pessoas envolvidas 57 participantes diretos 69 sessões realizadas 5 entidades parceiras	Promoção da saúde mental dos cuidadores informais Resolução de necessidades específicas de cada participante

EIXO 4:

Capacitação e Desenvolvimento Comunitário

Taxa de concretização: 248%

Nº de participantes diretos: 242

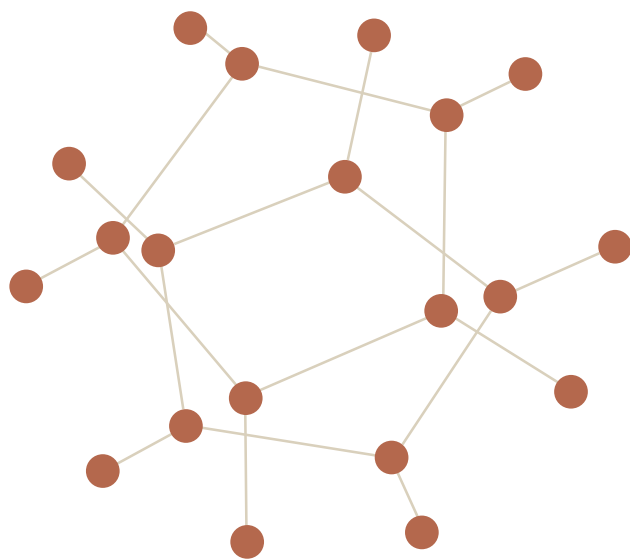
Nº de pessoas envolvidas: 3510

Nº de atividades: 2

OBJETIVOS:

- Desenvolvimento de ações de promoção da auto-organização dos habitantes do território e à criação/revitalização de associações, designadamente de moradores, temáticas ou juvenis, através de estímulo aos grupos alvo, de acompanhamento de técnicos facilitadores das iniciativas, e da disponibilização de espaços para guarda de material de desgaste e de apoio
- Desenvolvimento de instrumentos facilitadores do acesso das pessoas a serviços públicos de utilidade pública, a nível local, reduzindo o isolamento e a exclusão social.

#	ATIVIDADE	DESCRIÇÃO	NÚMEROS	IMPACTO
22	Associa-te	<p>Mapeamento das associações e coletividades existentes nas freguesias de Campanhã e Bonfim, com o intuito de identificar necessidades de capacitação dos dirigentes e potenciar a sua ação nos territórios. Através deste mapeamento, foi possível identificar espaços das coletividades para realizar ações do projeto: a Associação de Moradores da Lomba acolheu o Coro dos Vizinhos, a Iniciação Desportiva de São Roque recebeu, semanalmente, as oficinas Vou + Longe, entre outros exemplos.</p> <p>O mapeamento permitiu ainda identificar e capacitar residentes no âmbito do associativismo, apoiando na constituição de uma associação juvenil na freguesia do Bonfim (Capítulo Imprevisível coletivo epifania).</p>	<p>75 pessoas envolvidas</p> <p>24 instituições locais</p> <p>29 encontros com associações locais</p> <p>2 entidades parceiras</p>	<p>Criação de uma associação juvenil de âmbito artístico</p> <p>Capacitação de residentes (atuais e futuros dirigentes) no âmbito do associativismo</p> <p>Revitalização das associações e coletividades locais</p> <p>Potenciar a ação em rede entre as associações dos territórios</p>
23	Comunidades de Prática	<p>Criação e dinamização de três comunidades de prática: Interculturalidade, Economia Social e Solidária e Campanh'UP. Estas comunidades nascem da auscultação das necessidades do território e envolveram instituições, associações, residentes e pessoas que atuam nas freguesias de intervenção. Cada comunidade de prática foi desenvolvida através da realização de encontros periódicos, a partir dos quais foram desenhadas ações, tais como a realização da iniciativa "Livros Vividos" na Escola Básica e Secundária do Cerco, construção do site da plataforma Campanh'UP e submissão de duas candidaturas ao orçamento participativo da JF Campanhã para financiamento da plataforma, co-organização e monitorização do Campmarket, envolvendo artesãos e produtores, entre outros.</p>	<p>3.435 pessoas envolvidas</p> <p>168 participantes envolvidos</p> <p>3 comunidades de prática</p> <p>15 entidades parceiras</p>	<p>Desenvolvimento da plataforma "Campanh'UP", em parceria com o projeto URBiNAT, outras entidades e cidadãos de Campanhã</p> <p>Criação de um grupo executivo do Campmarket - Mercado de Campanhã</p> <p>Promoção da interculturalidade no espaço educativo, pela voz de pessoas residentes no território</p> <p>Realização do documentário "Interculturalidade"</p>



FERNANDA ARAUJO CURI

PORTO, OUTUBRO 2023

